

ALLA
Academia Louveirence
de Letras e Artes

VIII
COLETÂNEA



ALLA
Academia Louveirence
de Letras e Artes

VIII COLETÂNEA

contos | crônicas | poesias | artes



Copyright® 2022 Academia Louveirense de Letras e Artes

Revisão: *Miriam Franco Novaes*

Capa: *Perfil Editorial*

Carlos Miceli

Imagem de capa: *Cordilheira. OST-1,00x0,90 premiada no Salão de Arte da AASA-UNISA*

Fotos miolo: *João Batista*

Projeto gráfico e editoração: *Perfil Editorial*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

S148 VIII Coletânea: ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes:
1. ed. contos, crônicas, poesias, artes/
[Coord.] Diacuí Pagotti. João Batista. Larissa Scomparim
1. ed. – São Paulo: Perfil Editorial, 2022.

Vários autores

ISBN: 978-65-5601-070-0

1. Antologia – Coletâneas – Literatura brasileira.

I. Pagotti, Diacuí. II. Batista, João. III. Scomparim, Larissa.

IV. Título.

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

2022

Academia Louveirense de Letras e Artes

Facebook: ALLA - Academia Louveirense
de Letras e Artes

Perfil Editorial Ltda.

www.perfileditorial.com.br

@perfil_editorial

Agradecimento

Gostaria de expressar minha gratidão ao atual Prefeito de Nossa Cidade sr. Estanislau Steck por sua amizade e participação nesta coletânea. Agradeço à Secretaria de Cultura por anos de parceria com incentivos e apoio.

Ao meu amigo e vice-presidente Samuel Moscopski e a todos os acadêmicos que participaram desta coletânea.

Ao sr. Alceu Steck que, gentilmente nos presenteou com um lindo texto abordando o tema e enriquecendo nossa coletânea.

À nossa Diretora Cultural Larissa Scomparim e ao Secretário João Batista, dedicados e incansáveis na realização deste trabalho.

À carismática Alessandra Anselmi que, com exímia competência, representou a Perfil Editorial.

Às escolas que aceitaram o desafio de prepararem seus alunos para participar desta coletânea:

Educação Infantil: CECI Pequenos Brilhantes; CEIL Prof^a Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo; CECOIN Chapeuzinho Vermerlho e EMEI Vice Prefeito Pedro Miqueleto.

Ensino Fundamental I: CEIL Prof.^a Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo; EMEF Angelo Argenton Filho e EMEF José Odair Montelatto.

Ensino Fundamental II: E.E. Pedro Yoshichika Irie.

Diacuí Pagotti

Presidente da ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes



Prefácio

Estamos muito felizes por apresentar aos leitores mais uma coletânea da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA). Como todos no mundo, passamos por momentos difíceis com a pandemia, mas as próximas páginas chegam carregadas de esperança para a retomada das atividades culturais em nossa amada cidade de Louveira.

Mesmo com as limitações que foram impostas devido a situação pandêmica, aos poucos, buscamos nos apoiar nas parcerias para superar os desafios. E assim nossos acadêmicos se empenharam para trazer em seus trabalhos sentimentos tão expressivos e fundamentais para o momento que estamos passando.

É imprescindível contar com o apoio de pessoas amigas da arte e da cultura, enfim da vida, como é este amigo louveirense, o senhor Alceu Steck, que nos brindou com este texto repleto de sabedoria, história e verdade:

Capivari – o rio que corta minha vila

Houve um tempo em que o rio Capivari, tendo o Córrego Fetá como seu afluente, tinha íntima comunhão como os louveirenses. Era abundante em águas onde inúmeras pessoas se aventuravam a pescar, esperando por horas os Tabaranas, Saguirus, Ferreirinhas, Acarás, Bagres, Traíras, Lambaris, Espadinhas, Tuviras, Mandis, Cascudos...

Como era bonito de ver, nos dias de enchente do Capivari, os peixes subindo pelo Córrego Fetá, onde se podia ver o “Bepe Steck” colocar os covos de bambu e no dia seguinte retirá-los cheios de peixes.

A ponte da Vila Pasti servia de trampolim onde jovens e crianças se aventuravam pulando no Capivari e ninguém se machucava, pois as águas eram abundantes.

Infelizmente, hoje em dia, em toda sua extensão não é mais possível plantar qualquer espécie de verdura, legumes, frutas... inclusive mandioca, batatas, bananeiras, pois as capivaras tomaram conta de suas margens.

Entretanto, em contínuo esforço, o passado aflora na forma de lembrança e sinaliza à natureza implorando pela volta do rio, no qual pisei na infância, com suas águas límpidas e abundantes e, com afinco configurá-lo no percurso do tempo.

Hoje, amanhã e sempre, compete a nós e, às próximas gerações, a obrigação de sua recuperação. No entanto, ainda tenho esperança de que irei vê-lo como o via em minha infância.

Vamos começar e acreditar...? É possível.

Após preciosa pérola, escrita por este exímio contador de histórias, fica aqui nosso convite para que vocês mergulhem nas páginas da VIII Coletânea e se deliciem com as palavras envolventes e imagens cativantes, como se navegassem num rio a ser desbravado.

*ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes
Comissão organizadora*

Sumário

Ana Laura de Carvalho Patrão.....	9
Aparecido Bi de Oliveira	13
Armando José Heimann.....	21
Benedito Aparecido Corrêa.....	27
Carlos Miceli	33
Carlos Tiokal	39
Cida Reis	45
Darcio Calligaris	51
Diacuí Pagotti	59
Donizete Saraiva Deolindo	65
Eleide Reges.....	73
Erick Rolf	79
Gerson Domingos de Oliveira	87
Giovanni Cunha	93
João Batista.....	97
Júlia Fernandes Heimann	103
Larissa Scomparim.....	109
Lourival de Barros Santos	115
Marlei Camanhas de Oliveira	121
Neusa Rossi Cevalhos	125
Odete Moscospki.....	129

Samuel Moscospki.....	133
Sandra Regina Rossi.....	139
Sonia Baldo.....	145
Ubirajara de Souza Tavares.....	151
Tema Tabarana.....	155
Estanislau Steck.....	156
Apresentação do Concurso de Trabalhos	
Literários e Artísticos.....	159
Categoria Infantil.....	161
CECI Pequenos Brilhantes.....	162
CECI Pequenos Brilhantes.....	164
CECOIN Chapeuzinho Vermelho.....	166
EMEI Vice Prefeito Pedro Miqueletto	168
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	170
Categoria Fundamental I	173
Escola José Odair Montelatto	174
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	176
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	178
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	180
EMEF Angelo Argenton Filho	182
Categoria Fundamental II.....	185
E.E. Pedro Yoshichika Irie	186



**Ana Laura
de Carvalho Patrão**

Ana Laura de Carvalho Patrão



Natural de São João da Boa Vista-SP. Mora em Louveira desde 1970. Professora aposentada lecionou na EEPSPG “Prof. Joaquim Antônio Ladeira” durante vinte e um anos. Escritora e poeta, em Louveira no ano de 2014 participou da Antologia “Passagem para um Sonho”.

Cadeira nº 09. Patrono Ariano Suassuna.

“A tarefa de viver é dura, mas fascinante”.

Ariano Suassuna

Volta

Estou voltando.
Pro pé da Mantiqueira.
Vislumbro montanhas azuladas,
Cobertas de orações da noite.
Já sinto na face
A brisa aveludada de tuas colinas
Tocando o meu corpo.
Sinto cheiro de mato,
De terra molhada
Molhando-me inteira.

Calar ou falar

Ana Laura de Carvalho Patrão



VIII Coletânea – ALLA

Quero falar?

Não posso.

Quero calar?

Não devo.

Fumaça se esvai.

Invade o espaço.

Lá fora, o barulho da chuva

que bate na calha.

Pedras reverberam na vidraça.

Ouçó.

Apenas escrevo.



Aparecido Bi de Oliveira

Aparecido Bi de Oliveira



Poeta, escritor e compositor. Este vinhedense e louveirense de coração, participou de várias coletâneas, antologias e livros, a saber: *Eu amo Vinhedo*; *Mogi das Cruzes 450 Anos*; *Desperte o poeta que existe em você*, *Antologia do Clube dos Escritores de Vinhedo* e no Projeto *Mil Poesias para Gonçalves Dias* de São Luís-MA, recebendo Comenda e Menção Honrosa na Academia Caxiense de Letras, com o título *Tupi de Caxias*, ambas no Estado do Maranhão, com a participação de poetas dos estados brasileiros e vários países do mundo.

Cadeira nº 35. Patrono Edilson Camargo Caldeira.

Edilson Camargo Caldeira,
foi Secretário da Cultura de Louveira
de 24 de Março até 17 de Dezembro de 2014.

Poema em Homenagem ao Dia do Trabalho

Data da grande conquista social brasileira,
Instituída em homenagem ao seu trabalhador,
Autêntico ganha-pão de maneira verdadeira.

Dádiva celeste oferecida pelo Criador,
O sustento da família conquistada com suor e labor.

Trabalhar dignifica e completa o ser humano,
Realiza o seu sonho, desejo e almejo.
Atribuindo tarefa no nível de cada capacidade,
Baseado no princípio da ética, moral e lealdade.
Assim qualificado em qualquer função ou setor,
Lavrador, operário, gari, cientista ou doutor.
Hoje, ontem e amanhã, sem ele não há sobrevivência,
Os governantes são responsáveis por esta evidência.

“Ray” nosso querido cãozinho

Minha filha nos deu de presente um lindo cãozinho,
com o nome de Ray num ato profundo de carinho.
No começo relutamos, pois sabíamos o que vinha pela frente,
o gasto que teríamos com este grego-presente.

O tempo foi passando e nós cuidamos deste farejador,
e como já prevíamos, por ele nutrimos um grande amor.
Ao passar dos anos juntos com o abanador de rabinhos,
Nós até extrapolamos com cuidados, mimos e carinhos.

Além de gostar de caminhar, diverte com a bola rolando,
cumprimenta a todos que o rodeia ou na rua vê passando.
Gosta de ser acariciado, tornando-o muito agradáveis,
ao contrário de alguns seres humanos nada sociáveis.

Ele nos onera, dá trabalho e complexidade,

porém, muito nos compensa com sua fidelidade.
Fazendo parte da nossa família este ser de estimação,
sempre nos espionando com seu focinho ao chão.

Quando viajamos e não podemos levar nossa preciosidade,
sentimos a sua imensa falta e bate forte a saudade.
Lá distante imaginamos que ele esteja na espera ofegante,
e nós não vemos a hora de ver seus passinhos saltitantes.

O milagre da multiplicação

Aparecido Bi de Oliveira



VIII Coletânea – ALLA

Um dia um jovem me perguntou,
Se com cinco pães e dois peixes,
num dia de extensa exaustão,
sacia a fome duma multidão?

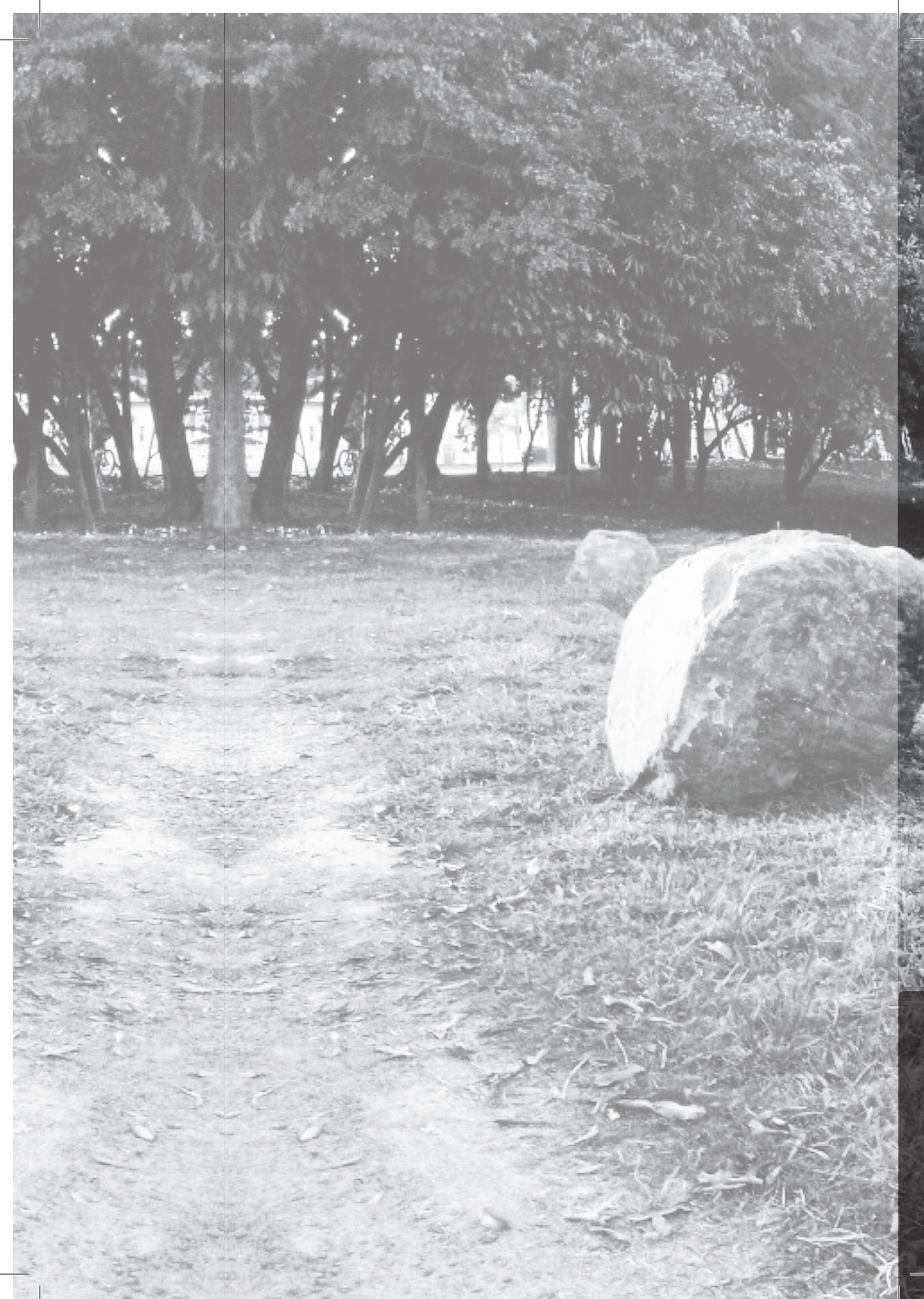
“Eu respondi pro moço, que no tempo de Jesus,
aquele que muito nos amou, o fato se concretizou.

Comeram dos pães e peixes mais de cinco mil homens,
e ainda encheram doze cestos, com a comida que sobrou.”

Neste dia Jesus realizou o milagre da multiplicação,
exemplo de fé, esperança e amor que nos deixou,
pra vivermos como irmãos praticando o cristianismo,
seguindo seus ensinamentos dividindo o mesmo pão.

Mas, a riqueza se expandiu, neste mundo de ilusão,
uns com tantas propriedades, outros sem habitação.
Os homens erraram muito nesta tal distribuição,
contrariando o modelo que viviam os primeiros cristãos.

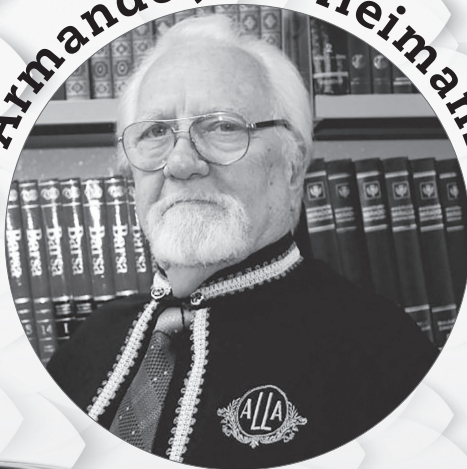
Agora sou eu quem pergunto, fazendo uma indagação:
— Até onde vai minha culpa, até onde é dos irmãos?
Ou é dos governantes da nação?
Se a partilha fosse justa, não tinha pobreza não!





**Armando
José Heimann**

Armando José Heimann



Natural do Rio Grande do Sul. Engenheiro aposentado. Artista plástico, com obras já expostas em Jundiá e região. Articulista, tendo participado em várias coletâneas com textos sobre animais e abordagens sociais. Fala os idiomas alemão e inglês com fluência

Cadeira nº 17. Patrono Monteiro Lobato.

“Um país se faz com homens e livros”

Monteiro Lobato

Paranapiacaba

"De onde se vê o mar"

Muito já foi escrito sobre esse lugar e, certamente, ainda muito o será. É, atualmente, um distrito integrado à cidade de Santo André-SP. O significado do seu nome, citado abaixo do cabeçalho, é oriundo do Tupi-Guarani. Indígenas que habitavam a região.

Após um aclave de aproximadamente 790 metros acima do nível do mar, encontra-se uma área relativamente plana, que foi utilizada para acampamento de trabalhadores.

Devido ao imprescindível escoamento das grandes safras de café, produzidas no interior de São Paulo e outras cidades, havia, no século 18, necessidade de enviar esse produto até a cidade de Santos-SP para exportação.

Os primeiros planejamentos/estudos foram iniciados em 1835, por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, que sempre esteve à frente da implantação e desenvolvimento ferroviário no Brasil. Notando a existência desse planalto junto à serra, solicitou vários estudos visando viabilizar um tipo de sistema que pudesse atender à demanda. Porém, só em 1850, ainda sob influência do Barão de Mauá, foi obtido sucesso. Nesse ano, foi determinado que os trabalhos seriam desenvolvidos pelos ingleses, uma vez que já possuíam tecnologia adequada ao grande desafio. Sob a supervisão do Eng. Daniel M. Fox, as obras foram iniciadas. Em 1860, um Decreto Imperial concedeu exclusividade, por 90 anos,

para os ingleses explorarem a linha ferroviária de Santo André a Santos.

Devido as características extremamente íngremes, foi deliberado que todo o percurso seria realizado pelo sistema funicular, sendo estipulado 5 divisões/plataformas, e em cada divisão havia uma estação com máquinas a vapor, estas tracionavam as composições através de cabo de aço, com acompanhamento em cada composição. Tanto na subida ou na descida, um vagão especial, também movido a vapor, tinha a finalidade de freiar, caso houvesse rompimento de um cabo. Devido a extensão da ferrovia (18 quilômetros), ela foi dividida em 5 estações intermediárias de tração, com os vagões “loco breques”, já citados. O sistema era, basicamente, o mesmo utilizado nos antigos elevadores, enquanto um subia, outro, com o mesmo peso, descia. Na composição que subia ou descia sem carga, era adicionado peso equivalente a 60 toneladas de água.

O planalto foi, inicialmente, um acampamento para os operários e depósito estratégico de materiais. Em 1867, houve necessidade de se fixar parte dos trabalhadores no local para cuidar da manutenção do sistema.

Assim, para atender às suas necessidades, foi desenvolvida uma vila de uso social, com alojamentos ou casas para pessoas com família, restaurantes, clube recreativo, capela, ambulatório, armazéns com mantimentos, cemitério — pois houve, durante a construção da ferrovia um número elevado de mortos — um pequeno teatro e escolas. Os ingleses tinham interesse em manter um sistema paternalista para evitar a demandada dos operários.

Quem morava no topo da vila fiscalizava os trabalhadores. A casa do engenheiro-chefe foi ali construída, é chamada de Castelinho, dali ele observava a movimentação no pátio ferroviário.

Na parte baixa, com característica tipicamente inglesa, foram construídas casas de madeira e telhado em ardósia. Foi erigida uma réplica do Big Ben de Londres, uma das maiores atrações do local, a construção foi feita com peças doadas pela Rainha Vitória, sendo um símbolo da Vila até hoje.

Toda a edificação ficou sob a responsabilidade do engenheiro Martim Smith.

Devido à grande afluência de pessoas para a vila, o lado direito da ferrovia, que é a parte alta, foi rapidamente ocupada por comerciantes e pessoas mais abastadas. Essa área não pertencia a companhia.

Durante muitos anos, os moradores viveram ali como uma grande família. A vila era bem cuidada, o clube Lira Serrano era o centro das atividades socioculturais, havia bailes e competições esportivas.

O término da exclusividade aos ingleses foi assinado em 1946. Todo o patrimônio foi transferido para a União. Esse ato é apontado como início da decadência da Vila e de todos os demais sistemas. Em 1976, muitos funcionários foram demitidos e outros, não bem qualificados, admitidos. O sistema original foi substituído por um sistema de cremalheira.

O golpe final foi em 1981, quando todo o sistema foi definitivamente desativado e declarado obsoleto.

Hoje, as locomotivas são apenas ruínas, abandonadas e enferrujadas. As construções em decadência. Toda a grandeza cedeu lugar a histórias de fantasmas que proliferam por lá. Há muitas lendas sob a densa neblina que cobre, misteriosamente, Paranapiacaba.

A história da construção e as lendas atraem muitos turistas curiosos em sentir toda a magnitude do local e o turismo é intenso.

Os antigos moradores diziam ouvir esta mensagem:

— *“Quando eu era vivo, eu tinha medo de morar em Paranapiacaba, agora não tenho mais!”*

Valerá a pena conhecer a Vila de Paranapiacaba!



**Benedito
Aparecido Corrêa**

Benedito Aparecido Corrêa



Natural de Cabreúva-SP. Reside em Louveira desde 1958. Poeta, participou de outras coletâneas. Foi colunista no jornal "Folha Notícias" – Louveira/Vinhedo. Foi radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiaí.

Cadeira nº 20. Patrono José Fortuna.

"Aqui estou meus velhos companheiros, olhem pra cima
pra me ver passando em meu cavalo, raio de luar"...

José Fortuna

Louveirenses felizes hoje

A nossa querida Louveira
Está sorrindo de felicidade
Por ver no nosso Rio Capivari
Espaçoso e correndo a vontade

Hoje não é mais um córrego
Sujo coberto de mato
Que não tinha correnteza
Nem mesmo de morro abaixo

O nosso Rio Capivari
Merece o máximo respeito
Recebendo o cuidado de todos
Conservando limpo o seu leito

Parabéns Senhores Prefeitos
Pelo serviço bonito e precioso
Por iniciar esta linda obra
Em benefício do nosso povo

Sumiu o mau cheiro do esgoto
E o capim cobriu sua margem
Acabou também a rataiada
Que trazia perigo para a cidade

Agora ele está limpinho
Todo de pedra murado
Até pelos nossos visitantes
Ele está sendo admirado

Ele é atração de nossa cidade
Embelezando as ruas do centro
Só falta uma praça aos lados
E os bancos feitos de cimento

Os nossos irmãos louveirenses
Estão aguardando o término
Para homenagear o Prefeito
Com a medalha de honra ao mérito

Nosso Rio Capivari – ontem

No coração de Louveira
Não se via mais alegria
Todos viviam em agonia
Nos olhos era só tristeza

Imaginar que no passado
A água era tão limpinha
Podia usar até na cozinha
Ninguém via poluição

Precisamos com urgência
Procurar uma solução
De acabar com a poluição
Do nosso querido Capivari

Não podemos cruzar os braços
Temos que nos prevenir
É nosso dever incumbir
No futuro da cidade

De ver o Rio Capivari
Escondido no capim
Com sua água parada
Não existia mais correnteza

Ela corria livremente
Os peixes nadavam contentes
Não era um riozinho
Era um senhor Ribeirão

Fazer voltar novamente
Como era antigamente
Um rio de água limpinha
Não vê-lo sujo assim

Todos precisam saber
Que um dia iremos beber
Água do Rio Capivari
Esta é a pura verdade

A mãe Natureza

A natureza é tão maravilhosa
Que deixa o poeta perplexo
Quanto mais ela se inspira
Mais ainda ele fica complexo

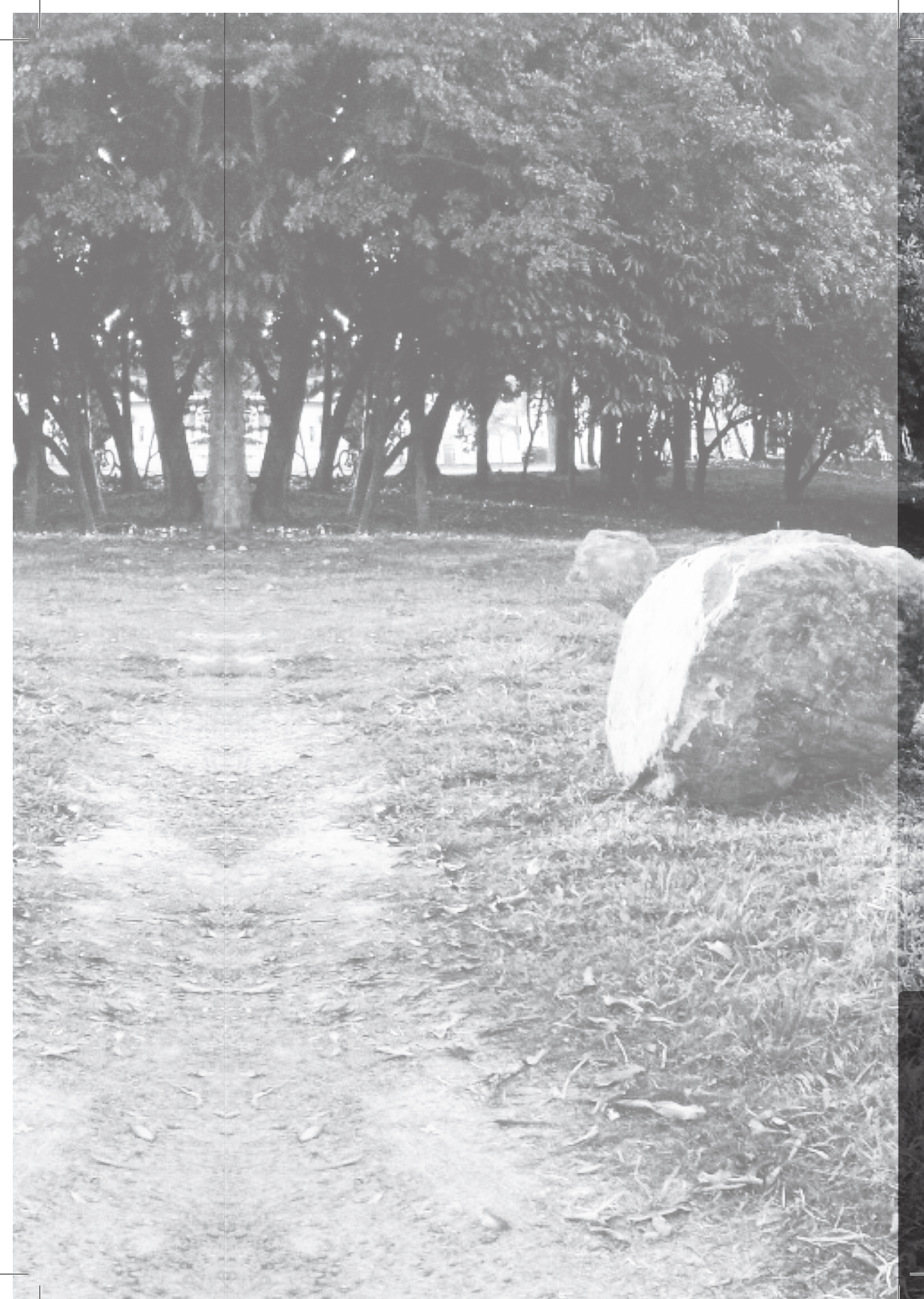
Ela é uma obra misteriosa
Cheia de surpresas e encantos
Só mesmo o Mestre Celestial
Para determinar seus planos

Na Terra não tem ser humano
Para calcular todas as riquezas
Que Deus criou com amor
Em sua Divina grandeza

O mundo é repleto de belezas
De vida plena e esplendor
Não tem poeta para refletir
Todas as virtudes do Senhor

Eu como admirador que sou
Pelas maravilhas do Criador
Me sinto um artista resplandecido
Mesmo sendo um simples autor

Foi contemplando a mãe natureza
Que esta poesia eu escrevi
Me inspirando no Espírito Santo
Este lindo tesouro descobri





Carlos Miceli

Carlos Miceli



Natural da capital de São Paulo. Desde 2010 reside e tem seu estúdio em Louveira. É compositor e artista plástico. Economista com Pós-graduação em Administração de Recursos Humanos pela FAAP e diversos cursos livres, entre eles o de História da Arte no MAM-SP. Participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Participou da II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017 em Portugal. Foi membro de júri de Salões de Artes Plásticas. Participou com seus poemas de outras coletâneas. Produziu dois discos com suas composições.

Cadeira nº 33. Patrono Antônio Carlos Jobim.

“Quando uma árvore é cortada ela renasce em outro lugar. Quando eu morrer quero ir para esse lugar, onde as árvores vivem em paz”.

Tom Jobim

Tabarana

Tens a cor prateada e nadadeira avermelhada

Arrancada muito forte na correnteza cristalina

Beza indiscutível em sua forma alongada

Antes nas águas do Capivari também habitava

Rio que pede socorro pelo fim da poluição

A espera de ver novamente a Tabarana nadando sem restrição

Na água limpa que é fonte de vida

A natureza preservada em plenitude harmoniosa

Que beleza vai ficar

Carlos Miceli



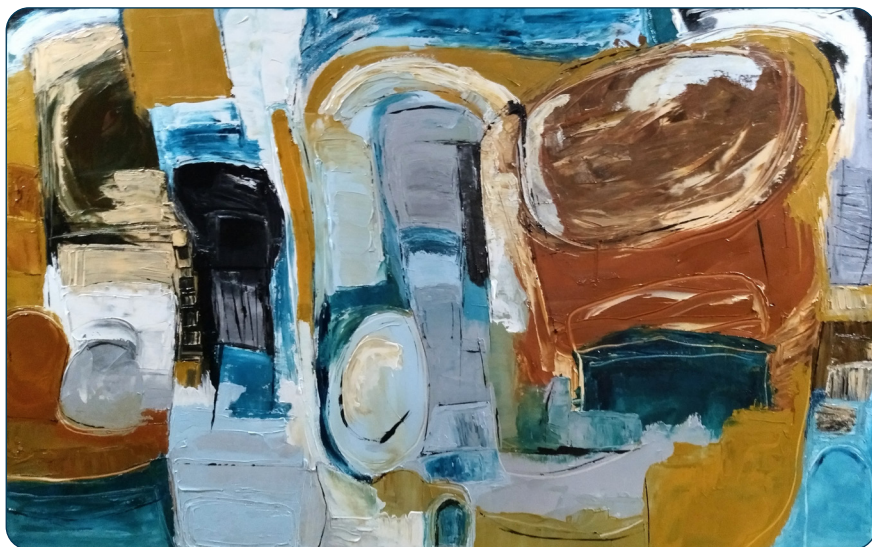
VIII Coletânea – ALLA

Que bonito que ficou
A roseira toda em flor
Que beleza vai ficar
A flor do maracujá
Que contente agora estou
Perto do meu grande amor
Que tristeza vai me dar
Quando ela me faltar
Mas feliz eu vou ficar
Quando meu amor voltar
Perto dela é meu lugar
E a ela vou amar
Que bonito que ficou
A roseira toda em flor
Que beleza vai ficar
A flor do maracujá

Poema musicado pelo autor.

Faz parte do seu 2º disco – “O meu bloco a desfilar”

Portal ocre

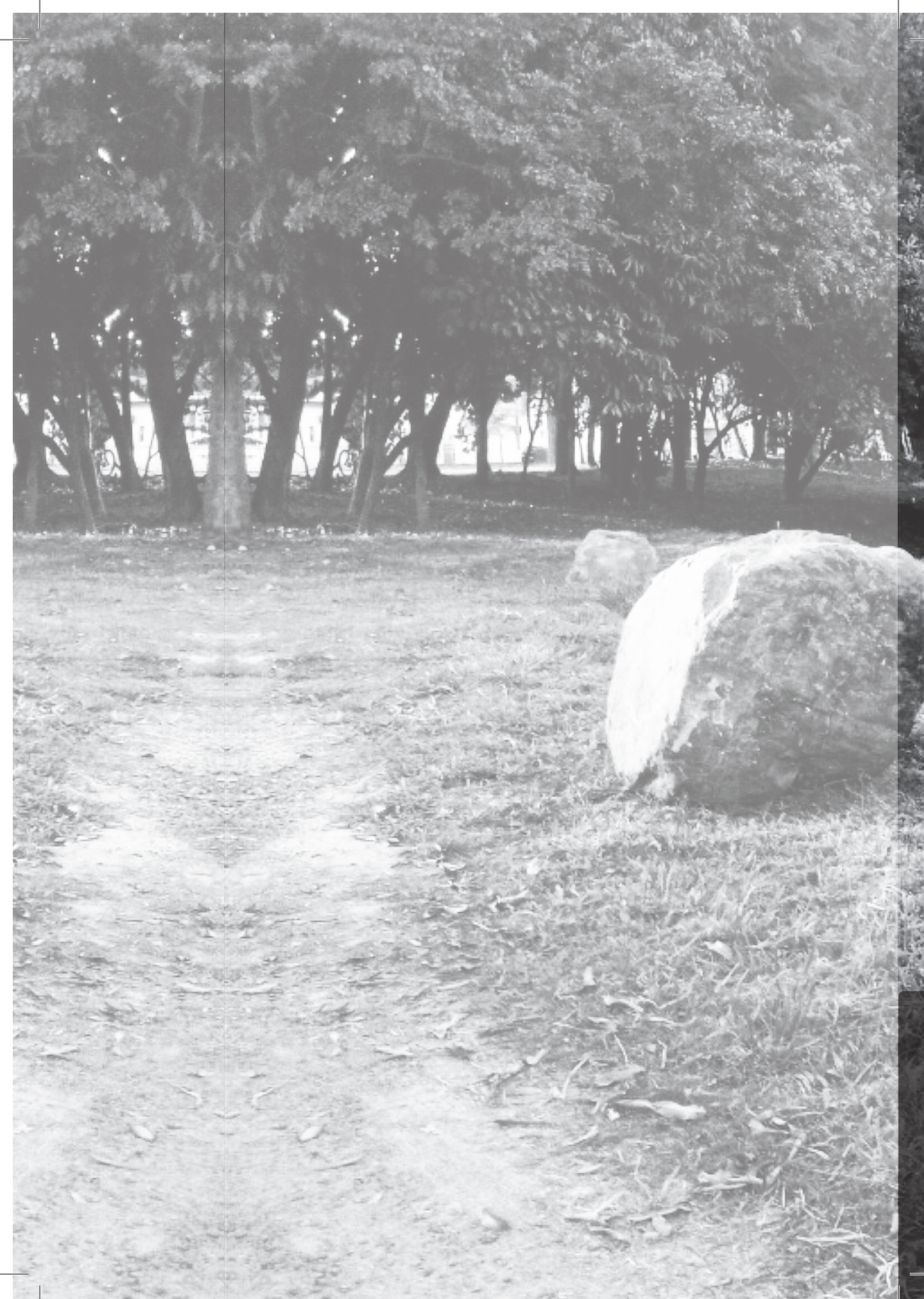


VIII Coletânea – ALLA

39

Carlos Miceli

AST – 0,90x1,40 – obra de autoria de Carlos Miceli





Carlos Tiokal

Carlos Tiokal



Natural de Cristina-MG. Foi criado em Campinas-SP e desde 2007 reside em Louveira. Bancário aposentado e pedagogo. Como escritor participou de várias coletâneas em Louveira-SP. Das coletâneas "Nossos amigos animais" (Editora In House) e "Antologia de verão" (Perfil Editorial). Realiza pesquisas sobre a música popular brasileira.

Cadeira nº 30. Patrono Noel Rosa.

"Voltaste confessando sem vaidade que a sua liberdade é viver preso a mim".

Noel Rosa

Lembranças

Eu preciso vasculhar minha memória.
Limpar tudo o que de ruim me reprimiu,
Esmiúçar nas entrelinhas da minha história,
lembrar com carinho o que me consumiu.

Destilando minhas mazelas
Descer ao porão e jogar tudo fora,
Guardar somente imagens belas
E os momentos felizes que tive outrora.

Rasgar cartas imaginárias,
Apagar palavras inauditas
Mentira de amor desnecessária
Juras de amor abscônditas

Meu vizinho Capivari

Carlos Tiokal



VIII Coletânea - ALLA

Há um pomar no quintal da Academia e sempre que me sento embaixo de uma frondosa mangueira, meus olhos percorrem as curvas do rio Capivari, que passa a poucos metros do alambrado.

Não me contento em vê-lo ao longe, me aproximo.

Em uma de suas margens tem grandes pedras, pedras essas onde calangos douram ao sol escaldante do meio da tarde. Chego mais perto, todos correm.

Fico imaginando como teria sido em outra época, onde se pescavam e talvez alguém se banhasse nele. Escuto o som suave e quase que imperceptível da água correndo, já não mais tão limpa e caudalosa.

Me acalma percorrer suas águas contornando as dificuldades encontradas pela frente.

Elas simplesmente se vão, sem se preocupar com o tempo, pois ela certamente chegará a seu destino.

Seu cheiro

Meu amor usa sempre o mesmo perfume, e eu vivencio a sua essência o tempo todo.

Quando entro em meu quarto e por um instante me deixo sentir um leve vestígio de seu perfume, as lembranças reviram novamente minha mente.

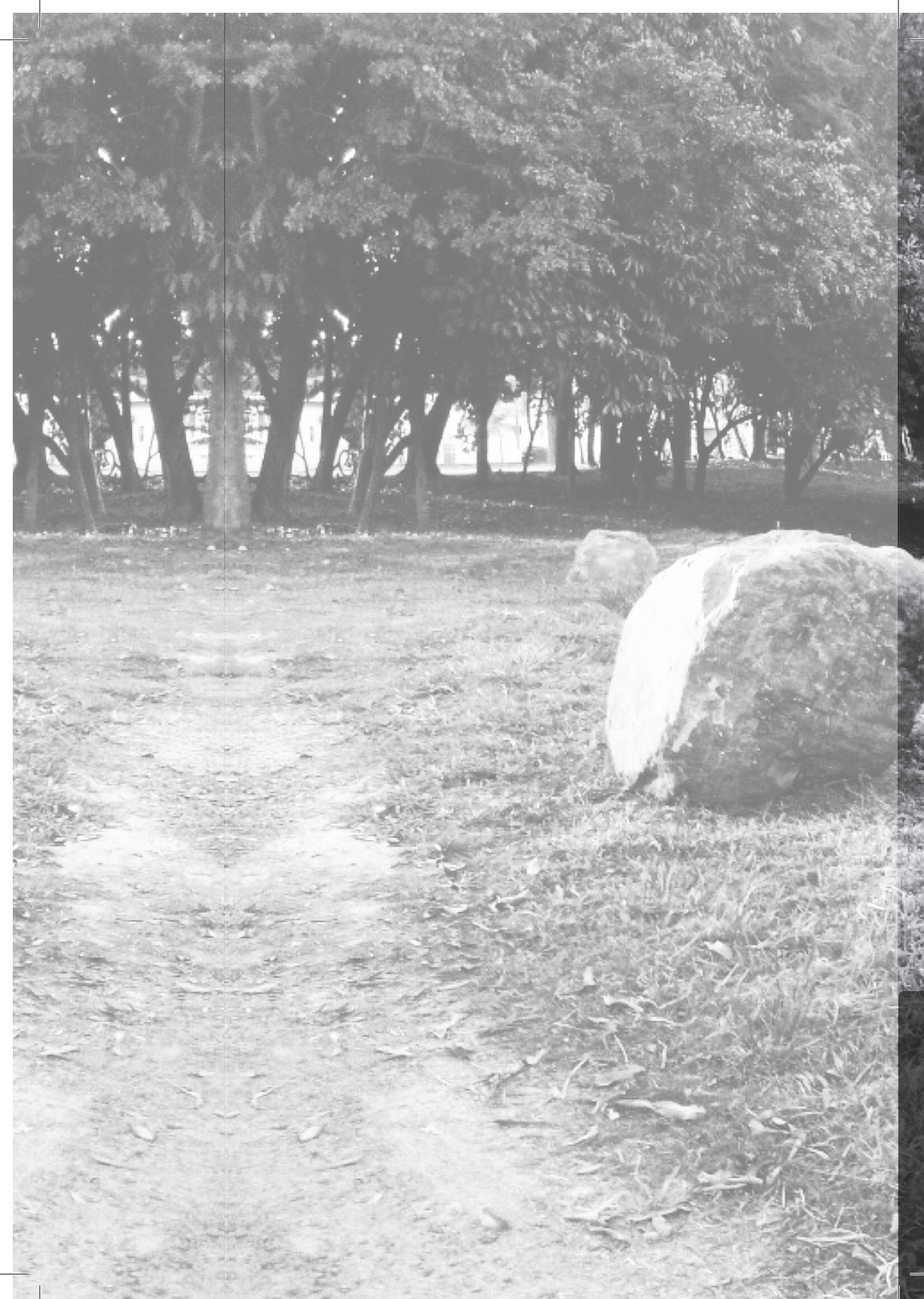
A mesma olência, que eu sinto toda manhã em nossos travesseiros.

Sinto também quando meneio minha cabeça e discretamente prepondera o seu cheiro característico, mesmo após um longo e relaxante banho.

Um olor de almíscar selvagem paira no ar, nos móveis, nas roupas.

Na casa toda...

já se impregnou também em meu corpo e na minha alma.





Cida Reis

Cida Reis



Maria Aparecida Crevelari Reis – Nome Artístico: Cida Reis.

Nascida em Valinhos – SP, em 1959. Formada pela Faculdade Anhanguera de Valinhos em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda. Trabalhou como funcionária pública na cidade de Valinhos e Louveira e hoje é aposentada. Eleita em 2015 para a Academia Louveirense de Letras e Artes. É a idealizadora, fundadora e Vice Presidente da Academia Valinhense de Letras e Artes – AVLA, em 2022 ocupa a cadeira número 29.

Cadeira nº 28. Patrono Carlos Drummond de Andrade.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça a quase totalidade não sente esta sede”.

Carlos Drummond de Andrade

Inacabada

O céu desabou entre nós.

Há dias em que a solidão bate forte e o coração fica tão apertado.

Porque um dia o destino separou os nossos corpos.

Perco nos meus pensamentos.

Só te encontro nas minhas saudades e os meus olhos ficam marejados...

Quando a brisa bate no meu rosto, são os teus lábios que vem me beijar.

É tão real que meu coração dispara... ao mesmo tempo sei que é só mais uma ilusão... já não estás mais aqui.

Sinto que o mundo ficou entre nós.

Então a dor me abraça tão forte que o fôlego chega a me sufocar.

Queria saber qual é a distância entre nós...

Sente saudade de mim também?

São tantas as minhas perguntas... e todas sem respostas.

Tudo ficou no ar.

Ainda não sei qual é o tamanho da minha estrada aqui.

Só sei que nos perdemos numa delas.

O tempo passou... fez marcas na minha pele e meu corpo arcou.

Apenas o coração resistente como um carvalho... continuou sozinho uma história inacabada.

Terras distantes

Me junto a eles nestes pensamentos...
Eu só queria andar na orla da praia.
Arrematar junto a ela os meus pensamentos.
Num dia de inverno.
Queria sentir a água fria nos meus pés.
O vento gelado bater no meu rosto.
Um sopro gélido.
Implorando por viver.
Sem ouvir explosões
Sem considerar os apegos.
Sem ter rivalidades
Sem sofrer ferimentos e nem sentir dor.
Só queria saber dessa vida...
Se ainda há tempo para sonhar.
Ver os meus filhos crescerem.
Meus pais envelhecerem.
Meus amigos e irmãos enternecerem.

Quero paz.

Quero ter esperança.

Porque hoje AQUI está tudo confuso.

Está tudo nublado.

Está tudo tão frio.

Falta calor humano.

Meu solo está manchado de vermelho e coberto de sangue.

Há tanta dor.

Há tantas lágrimas.

Porque que tem que ser assim...

De onde vem esta guerra incoerente?

Que desconcerta a vida da gente.

E deixa o mundo todo doente!

Dedico aos que sofrem na guerra.

Perfume

Sua silhueta fazia o imaginário quase tangível.

Havia um mistério intrigante... eu queria desvendar.

Aquele perfume invadia o ar e entrava pelas minhas narinas, quase que obsceno.

O prazer de me sentir amada aquecia o meu corpo... e ali naquele instante ele era somente meu.

Ele acariciava meu corpo com um toque sedutor e aquele perfume me deixava estonteante.

Então deixava-me envolver nos teus abraços.

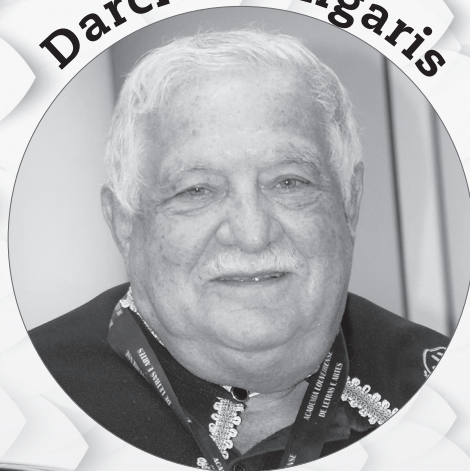
Depois de tudo...

Suspirava e sussurrava coisas no seu ouvido e ainda nos teus braços "morria" de tanto prazer.



Darcio Calligaris

Darcio Calligaris



Natural da capital de São Paulo. Farmacêutico bioquímico formado na USP – Universidade de São Paulo. Durante 40 anos atuou em indústria farmacêutica, transferindo tecnologia e formando mão de obra. Professor universitário por 20 anos. Ministra palestras e cursos de especialização. Autor do livro: Farmacotécnica “Revestimento de Formas Farmacêuticas”, o segundo nesta área publicado no Brasil.

Cadeira nº 13. Patrono Augusto dos Anjos.

“Que ninguém doma um coração de poeta”.

Augusto dos Anjos

Tabarana

A Tabarana é um peixe cujo nome científico é *Salminus hilarii*. Nativo da América do Sul, também é chamado de tubarana e prefere águas cristalinas, na temperatura entre 22° C e 28° C, com até um metro de profundidade.

Trata-se de um peixe ósseo, possui escamas, mede em média 35 centímetros e pesa cerca de um quilo. Tem um tom branco prateado, com linhas pretas longitudinais, boca rasgada, maxilar firme, dentes aguçados, e suas nadadeiras de cor vermelho alaranjado o tornam muito parecido com o peixe dourado, sendo por isso conhecido como "dourado branco".

Alimenta-se de pequenos peixes, em especial o lambari, e é valente e saltador.

Muito procurada para a pesca esportiva, a espécie pode ser encontrada na bacia do rio São Francisco, nos rios Grande e Tietê, e em outros grandes rios preservados do país, com matas ciliares intactas. A melhor época para encontrar a tabarana é durante o verão, antes do período das chuvas.

O rio Capivari, localizado no estado de São Paulo, tem sua nascente no município de Jundiaí, bem próximo à rodovia estadual SP-360, passando por Louveira, Vinhedo, Valinhos, Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Rafard, desaguardo no rio Tietê. O nome Capivari é de origem tupi, e significa "rio das capivaras", em alusão aos roedores de grande porte que viviam (alguns ainda vivem) às margens deste rio.

Na bacia do rio Capivari são despejados os esgotos domésticos de diversos municípios, entre eles Louveira, Vinhedo,

Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari, Rafard e Mombuca. Muitos desses municípios já foram abastecidos no passado pelas águas do rio Capivari, que eram limpas e próprias para o consumo. Entretanto, à medida que a poluição foi tomando conta e degradando a qualidade das suas águas, a captação teve de ser desativada.

Infelizmente, a cada dia que passa o rio Capivari está sendo maltratado e vem se deteriorando, devido ao alto grau de industrialização e urbanização em sua bacia, principalmente nas cabeceiras do rio.

Antigamente, o rio Capivari era rico em peixes, principalmente a tabarana, que se deliciava em suas águas cristalinas, também existiam outras formas de vida aquática garantindo o equilíbrio ecológico.

Ali ocorriam passeios de barco e suas margens eram usadas para piqueniques. Se antes ele nos fornecia água de boa qualidade, tudo foi destruído pela poluição, fruto do mau uso de seu curso, que recebeu de rejeitos de esgotos até resíduos industriais, resultando em um criadouro de insetos e animais transmissores de várias doenças, tornando-se um ambiente impróprio para as tabaranas e outras espécies aquáticas, tudo se transformou em um local sujo e poluído.

O objetivo desta reflexão é fazer um alerta para a importância dos nossos rios e da natureza ao nosso redor. Nas águas cristalinas do rio Capivari, viviam as tabaranas e os lambaris, além de outros peixes nunca mais vistos ali. As capivaras encantavam em suas margens rodeadas de vegetação verde-esmeralda. As aves, com seu canto atraente, e as flores, com seu perfume envolvente, tornavam a atmosfera de sua relva prazerosa para se namorar. Aos finais de semana, os barcos traziam pessoas alegres, com suas cestas de piquenique, que se instalavam ao lado do rio Capivari, e viam as tabaranas saltarem.

Pescadores eram vistos por todos os lados, com seus anzóis afiados, sentados à beira do rio, meditando à espera de um

peixe, fosse tabarana ou outro qualquer, inocentemente fiskaço, que seria devolvido ao rio ou serviria de alimento. Até com a pesca esportiva de tabaranas valentes e saltadoras os pescadores se deliciavam, enquanto pessoas em roupas de banho brincavam na água e se refrescavam.

Mas o progresso e o aumento populacional chegaram e o rio Capivari foi se entristecendo, devido à grande quantidade de esgoto nele depositada sem o devido tratamento, impactando diretamente na vida aquática e, conseqüentemente, em todo o ambiente que o rodeia.

A nossa tristeza e de nosso rio, da flora e da fauna local, contudo, não pararam por aí. Além do esgoto, as indústrias depositam nos rios, sem tratamento adequado, produtos químicos que contêm substâncias altamente poluentes e perigosas para a saúde da população, entre elas o mercúrio, o chumbo, o cobre e os organoclorados encontrados em pesticidas e em alguns agrotóxicos se acumulam nos peixes e frutos do mar que, quando consumidos, causam sérias doenças nos seres humanos.

Socorro! As tabaranas e outros peixes desapareceram, os rios ficaram sujos. Ao invés de flores e pássaros cantando alegremente, hoje há móveis, entulhos e resíduos por toda parte, proliferando insetos e animais prejudiciais ao homem e à natureza.

Resta a esperança de um dia tudo ser novamente como antes: a vida no rio Capivari voltar a existir, com as tabaranas nas águas cristalinas enfeitando o nosso dia. Basta o ser humano entender que, para ter uma vida feliz e sadia, com qualidade, é preciso preservar a natureza e tratar os resíduos.

Espero que um dia a água cristalina possa voltar, e que eu possa bebê-la. E que, em Louveira, a tabarana possa renascer.

Reflexões

1 As emoções sadias
como serenidade, determinação, alegria e caridade
exercem um efeito positivo em nossa saúde.

2 Vamos fazer o melhor que pudermos
e a vida nos ajudará
a trazer aquilo que buscamos.

3 Sejam determinados para aprendermos,
nos desenvolvermos e olharmos para a frente
por mais difícil que seja o caminho.

4 Se desejamos sucesso em alguma coisa,
devemos estar totalmente comprometidos
e apaixonados por ela.

5 Quando aceitamos o inaceitável,
como uma grande perda, doença e morte,
encontramos a paz.

6 Enfrentarmos obstáculos, sofrer provações,
tolerar antipatias, atravessarmos tormentos,
fazem parte da nossa evolução.

Ao invés de nos torturarmos pensando em “eu devia”, “eu não devia”

7

Em situações nas quais nos sentimos culpados,
Devemos mudar os nossos pensamentos para:
“eu fiz o que foi possível fazer naquela circunstância”.

8

Há beleza em tudo é só procurar.

9

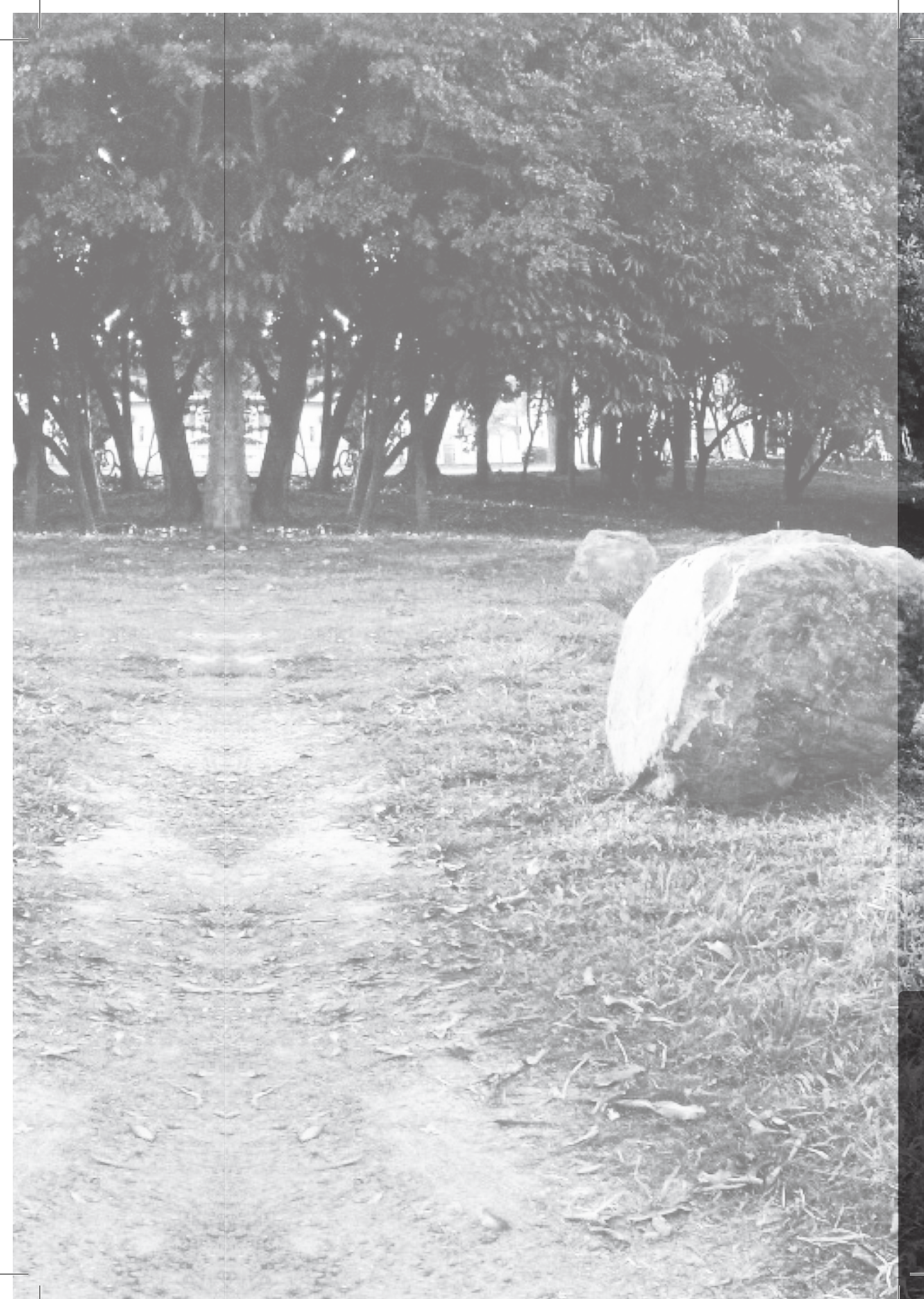
Vamos dar a todas as pessoas
que encontrarmos em nossos caminhos
um sorriso, um gesto de carinho e uma palavra de afeto.

10

Sejamos como as flores
que espalham o seu perfume
por onde passam.

11

O amor
é o melhor remédio
contra todos os males.





Diacuí Pagotti

Diacuí Pagotti



Adélia Diacuí Cruyer Fountonnatt Pagotti, atual presidente da ALLA, é natural de Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo. Filha de pais circenses, está radicada em Louveira desde 1972. Participou de outras coletâneas, incluindo *Escritores Brasileiros*, lançada em Lisboa, Portugal, em 2016. Membro-Fundadora da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Cadeira nº 16. Patrono Humberto de Campos.

“A natureza é sábia e justa.
O vento sacode as árvores, move os galhos, para que
todas as folhas tenham o seu momento de ver o sol”.

Humberto de Campos

A cachoeira

Acordei em uma bela manhã de quinta-feira, servi-me de café em uma caneca, que levei comigo enquanto caminhava pelo jardim de minha casa para admirar as flores — faço isso todas as manhãs, já é um velho hábito. Gosto de vislumbrar a beleza das folhagens, das gramas orvalhadas e saudar o sol. Depois, caminhei lentamente em direção à uma área de convívio onde costumo recepcionar os amigos, ainda na parte externa, e não pude conter uma exclamação que escapou em alta voz: — que bagunça!

Mas pensava feliz em como estava gostando de ver aquele amontoado de copos, talheres, pratos... Afinal há quanto tempo não fazíamos um afetuoso encontro como o que ocorrera na noite anterior? Então, aproveitei e dei uma organizada geral, pois coincidentemente era dia de faxina.

Ao pôr do sol, senti ter sido dominada totalmente pelo cansaço. O final da tarde estava tão quente quanto estive o dia. Pensei em um banho frio e demorado antes do merecido descanso. Assim o fiz.

Peguei uma toalha macia e cheirosa, entrei no box e liguei o chuveiro de modo que a água saísse sem aquecimento. Enxaboiei o corpo todo e, quando fui eliminar o shampoo dos cabelos, permaneci sob o jato de água, deixando-a escorrer pelo meu corpo; e assim, permaneci, em silêncio, por um tempo que não sei determinar. Normalmente, meus banhos são rápidos, por recomendação do dermatologista, mas, nesse dia, foi impossível obedecer. De repente, comecei a sentir frio e, sem saber porquê, meu coração começou a bater mais rápido,

então, me veio à memória algo que aconteceu quando eu tinha de seis para sete anos.

Havíamos nos mudado para uma cidade no interior do Estado do Paraná.

Meu pai, como de costume, convidou a família para dar uma volta e explorar os arredores da cidade. Na verdade, ele sempre nos levava para conhecer as matas, os rios, as cachoeiras — para todos era uma grande diversão (minha paixão pela natureza provavelmente adveio desse período). Neste dia, caminhamos muito até chegarmos à uma mata, onde adentramos. Papai ia sempre à nossa frente com um facão na mão, abrindo caminho. Nós o seguíamos, cada um carregando o seu farnel, sem questionamentos a respeito do destino ao qual nos conduzia, pois não tenho lembrança de que ele houvesse nos decepcionado alguma vez. O verde da mata e suas folhas com gamas de tons me proporcionavam um quê de conforto. Vez ou outra, avistávamos algum animal silvestre. Papai, como guia, nos explicava sobre tudo o que encontrávamos pelo caminho e tudo tinha um doce encanto.

Em um dado momento, ele estendeu a mão para trás e com ela aberta, fez sinal para pararmos. Virou-se e levou o dedo indicador à boca, soltando um “psiu”! Paramos e fizemos o silêncio solicitado. Então, ele abaixou-se até o chão, aproximando os ouvidos no solo, disse: — “Eu sabia, estamos quase chegando, ela existe”! Ela? Quem será? Mas não ousei perguntar, ninguém ousou. Ele gostava de nos surpreender. A caminhada continuou por um bom tempo, depois dessa parada repentina. O cansaço já havia se tornado visível no rosto de todos, quando finalmente descobrimos (mesmo que ainda de longe), o que era que meu pai buscava.

Era uma cachoeira, linda, majestosa, que, aos meus olhos de menina sonhadora, parecia um enorme véu de noiva. O deslumbramento tomou conta de nossos olhares. Minha dúvida (e creio que a de todos) era se conseguiríamos chegar até

ela. A queda d'água vinha de uma altura descomunal e caía num buraco proporcionalmente gigantesco. Papai deu umas instruções à minha mãe para que ela o ajudasse a nos aproximarmos mais de maneira segura.

O volume de água era tão intenso e formidável que, ao cair, formava uma espuma encantadora ladeada por uma nuvem de fumaça. Formava-se, então, um riacho raso que corria lentamente, ostentando sua beleza. Papai olhando para nós, deu um pequeno sorriso, provavelmente pela expressão de encantamento que via em cada olhar. Ele pegou um a um pela mão e levou bem próximo à queda da cascata (para que perdêssemos o medo, creio), pois tudo era colossal. Eu, ao sentir a força daquela água cair sobre o meu corpo, experimentei pela primeira vez uma sensação inexplicável. Era um misto de felicidade, curiosidade, perplexidade. Sentia-me como um pássaro a se banhar, entrava e saía da cachoeira, tentando segurar a água com as mãos. Meus irmãos compartilhavam comigo dessa alegria ímpar.

Aos poucos fomos perdendo o medo e já conseguíamos nos virar sozinhos. Eu, como sempre, a mais corajosa, ousava mais. Subi sobre uma pedra e pulei, creio que acabei indo fundo demais. Para dizer a verdade, eu só me lembro de alguém segurar firme meu braço para me puxar para fora. A próxima imagem nítida que eu tenho é de estar com o rosto entre as mãos de meu pai e ouvindo a sua voz dizendo: — "Foi apenas um susto, já passou. Está pronta para mais um mergulho, garota corajosa?"

Foi quando o sabonete escorregou de minha mão, me arrancando, à força, de minhas recordações. Tentei fechar os olhos novamente para retornar a elas, mas as vivas impressões se esvaneceram. A água do chuveiro estava tão fria como a da cachoeira. Suspirei profundamente e sorri agradecida.

Flor do campo

Com a mandioca, faço farinha de suruí.
Misturo com mel silvestre, para a Índia Diacuí.
Pele morena, selvagem, conquistou meu coração.
Da tribo dos kalapalos, a trouxe para o meu rincão.
Chegou bonita, faceira, com seu jeito, seu encanto.
É flor: da mata, da serra, desta terra é flor do campo!

Diacuí Pagotti



VIII Coletânea – ALLA



Donizete
Saraiva Deolindo

Donizete Saraiva Deolindo



Natural de Castilho-SP. Reside em Louveira desde 1983. Poeta e compositor com participação em outras coletâneas e com textos publicados em jornais.

Cadeira nº 26. Patrono José Rico.

"Nós devemos ser o que somos.
Ter aquilo que bem merecer".

José Rico

Camuflagem

Te excluindo da minha vida,
Foi, que eu me inclui na sociedade.
Antes, restrito só a você,
Eu me excluía das amizades.
Sabe lá o que é isso.
Vivendo a você submisso,
Sentindo o amargo sabor, da sua deslealdade?!

Chamo isso de desleal,
Já que, ninguém é dono de ninguém
Um mesquinho procedimento,
Provocado por algo que, não convém.
Na malícia da sua enrolação,
Chantagem mau caráter má intenção,
E, isso é, prejudicar alguém!



Uma pessoa deixando de viver,
Por traz do véu da camuflagem
Desencadear um cativo,
Numa precária hospedagem.
Em ambiente cheirando a mofo,
Na imundice de um cafofo,
Sem ventilação sem drenagem.

Só após o desfecho de tudo,
Me dei conta da vida de louco.
Ao invés de viver eu morria,
Naquele verdadeiro sufoco.
Se, aquilo for amor já chutei o balde,
Pois só agora em liberdade,
Percebo que, estava morrendo aos poucos!

Vendaval

O imponente vendaval,
Deixou muitos em desespero,
Fez uma varredura no meu quintal,
Soprando as folhas por inteiro.
Mas... de repente a chuva mansa,
Como quem diz: — calma, e, suave dança
Veio irrigar o meu canteiro.

Depois da tempestade a bonança,
Quem já não ouviu dizer?
É vitorioso aquele que o crer.
Também é preciso aprender,
Agir com perseverança,
Acreditar e, ter esperança
Em um novo amanhecer!

Diante do poder de Deus,
Sê rompe qualquer parede.
Das pedras faz jorrar água,
Do povo sedento mata a sede.
Generosamente se apresentou,
E aos discípulos ordenou,
Lançarem novamente a rede.

A sua benevolência é tanta,
Superando a nossa imaginação.
A começar que por meio dele
Obtivemos há salvação!
Espírito de verdade, Deus da luz.
Que, após, a morte de cruz,
Se redimiou, por sua ressurreição!

Pesadelo

Eu, até pergunto para você,
Caro leitor, meu parceiro.
Se através de sonho,
Nunca estive em desespero.
Em sonho eu, me sentia mal das vistas,
E, indo, até o oculista,
Dei de cara com um serralheiro.

Em posse duma máquina de solda,
Se dizia cirurgião.
Me disse fique tranquilo,
Que eu vou fazer a restauração.
Dê um jeito tão animal,
Que eu enxerguei o carro do funeral,
Vindo em minha direção!

Espantado eu sai correndo,
Num tremendo alvoroço.
Entrando em um matagal,
Acabei dentro de um poço.
Ao invés de corpo de bombeiro,
Me deparei com um coveiro,
Com a sua pá de terra, já chegava ao pescoço.

O meu pesadelo só aumentava,
Em meio a tanta confusão.
O socorrista agora chegava a cavalo,
E, com uma forte corda entrelaçava a minha mão.
Na medida que o mesmo açoitou o seu cavalo
Já fui ouvindo um grande estalo,
Qual profissional, poderia agora, fazer a restauração?

Logicamente que, um ortopedista,
Seria agora a indicação.
No departamento dele, um sapateiro,
Com pregos, linha e martelo para manutenção.
Então, me disse, aqui não tem erro,
Se não conserto, faço o enterro,
Fique tranquilo cidadão!

Já dizia o velho deitado,
Cada louco com a sua mania.
Eu muito mal-acostumado,
Com a sonequinha do meio dia.
Acho, que, exagerei na barriga pra lá de cheia,
E, sonhei com tanta coisa feia,
Que pôr pouco não morria!
Sei, que, por este sonho atrapalhado,
Eu troco morrer acordado,
Prefiro morrer em paz, com a barriga vazia.



Eleide Reges

Eleide Reges



Natural de Assis-SP. Reside em Louveira desde 1971. Graduada em Letras e em Docência do Ensino Superior, com Pós-Graduação em Gestão Escolar. Foi Secretária de Cultura, Esporte e Turismo na Prefeitura de Louveira. Escritora, com obras publicadas em outras coletâneas.

Cadeira nº 27. Patrono Jorge Amado.

“Eu sou muito otimista, muito. O Brasil é um país
com uma força enorme. Nós um continente...
com um povo extraordinário”.

Jorge Amado

Meu amigo

Amigos...
Por todos aqueles momentos
Agradeço ter sido constante
Em minha vida.
Não tem como explicar
Nem maneiras de escrever.
Nas mudanças, pelas quais
Tudo aconteceu.
Inspirada nos pensamentos.
Nos detalhes do meu firmamento,
Por tudo isso estamos juntos.
Ou a quilômetros de distância
Por repetidas provas no caminho.
Acredito muito no destino.
Seguimos a nossa estrada,
Quanta história nessa partida.
Um verdadeiro conto, desta vida.
Com certeza tudo muito aceito,
Com muito amor e respeito.

O Poeta

Eleide Reges

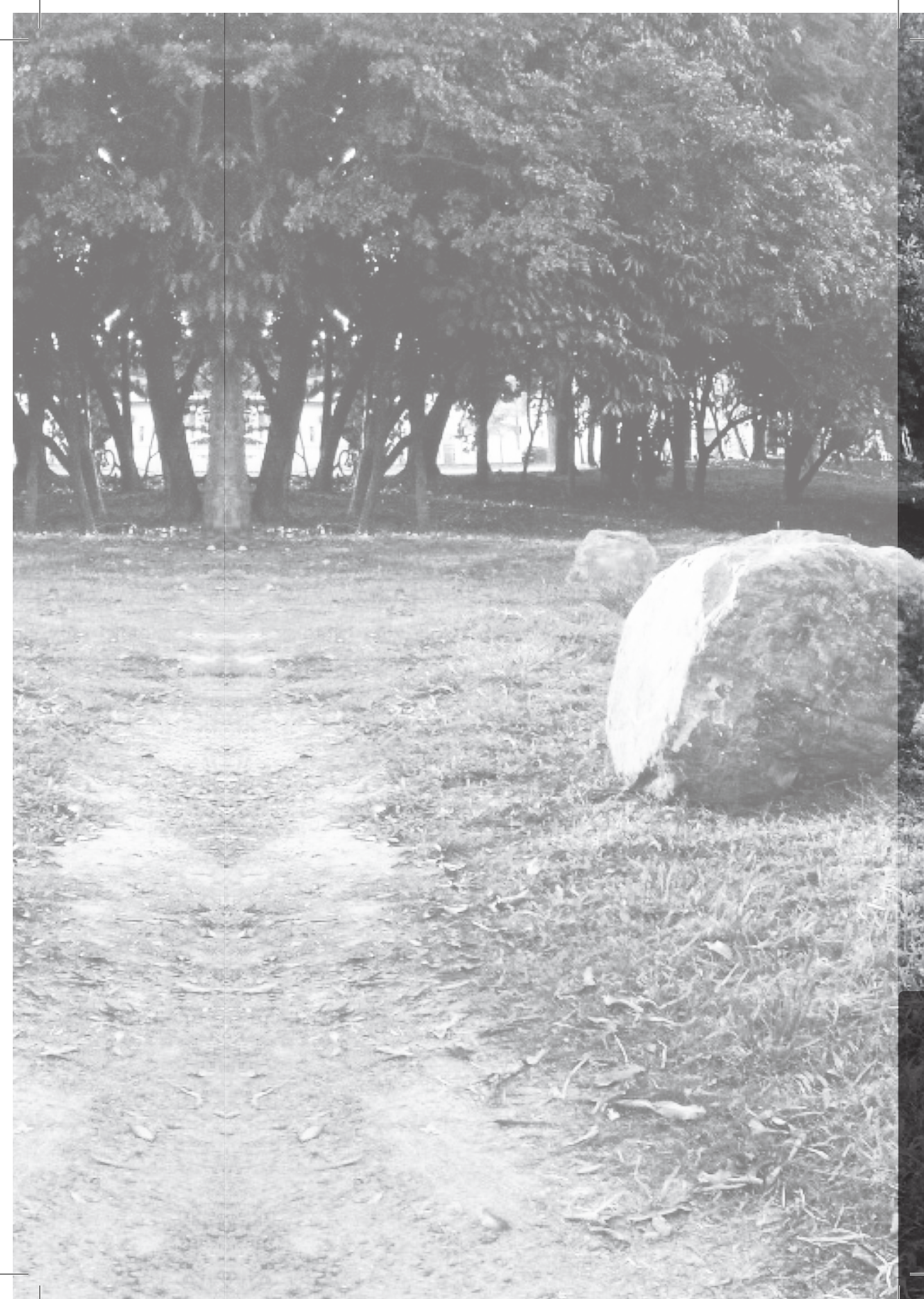


VIII Coletânea – ALLA

Os poetas na sociedade proletária
São cidadãos com lugar na sociedade
Com matérias extraordinárias.
Suponha que é uma linha.
Com linguagens de conjugações.
Trata-se de palavras.
De reflexão e renúncia.
Às vezes incendeia e
Às vezes explode.
Onde encontrar a sobrevivência.
Eu me lanço e me divido,
Em milhões de palavras.
Que flama ou emana nas brasas.
Essas palavras põem-se em lutas.
Os líricos castrados.
E sempre alaistrados.
Com soluções e confetes.
O poeta é um eterno,
Pagador de sentimentos.

O Tempo é sábio

Se na vida eu tivesse a oportunidade.
De saber como o tempo é sábio.
Não reclamaria do tempo e da sua condição.
Pois ele regula seu mundo.
Para lembrar e sentir que ele vai
E não depende de ninguém.
Só aceitar que o passado vem.
Leva a esperança e o recomeço.
Nos faz lembrar da nostalgia,
De tudo que passou na vida.
E nos nossos dias.
São momentos inesquecíveis.
São momentos inexplicáveis.
E sensações incomparáveis.
Com caminhos silenciosos e confortáveis...





Erick Rolf

Erick Rolf



Natural de São Paulo – SP, foi criado na primeira infância na Alemanha e reside em Louveira desde 2002. Formado em administração de empresas, atua como especialista no desenvolvimento humano. Escritor, com temáticas voltadas para reflexão e despertar, acreditando que a escrita e textos poéticos são formas de tocar e influenciar as pessoas e suas almas, no sentido de possibilitar outras situações.

Cadeira nº 04. Patrono Oswald de Andrade.

“Tupi or not tupi, that is the question”.

Oswald de Andrade

Insignificância Vazia

Vazio, insignificância
Quanto meu valor para outrem
Deve valer para mim?

Caiu, num trauma de infância
Que passageiro é esse no trem
Que tira o poder de mim?

Ah sim, falta de tolerância
É do caos que provem a ordem
Vou cuidar do passageiro sombrio.

Por mim, vou tirar essa ânsia
Vou superar o desdém
E recuperar meu brio.

Quebra de padrão
Nenhuma rima foi em vão
O vivido foi bom
Mas preciso continuar são.

Passageiro sombrio
Observe quem te ama
E vamos como arquétipo da fênix
Ressurgir das chamas.

Queima, purifica
Evolução é ascensão.

Não teima, a Luz fica
E não a escuridão.

Sombria a passagem
Não o passageiro
Sorria, uma vantagem
A maior arma do guerreiro.

Polaridade presente

O cinza e o verde se misturam
No olhar dilatado e intenso
Sorrisos a alma maturam
E o coração bate imenso

Signos opostos e complementares
Polaridade está presente
No silêncio a troca de olhares
Faz com que carinho aumente

Quem será esse alguém
Com quem converso ao longo do dia
Mit Grünen Augen
Já, Ich wünsche dich mit mir

As línguas se enrolam
Português e alemão
As horas não demoram
Escapam pela mão

Was wird es sein?

E também, wann?

There is no wasting time

Wie hast du das gethan?

A cada fala do caranguejo

O Capricórnio amolece

E não esconde seu desejo

De compartilhar o carinho que oferece

Saudade

Saudade, um vazio interno
Um silêncio doloroso
Ansiedade. Cada segundo se torna eterno
Em si o fim amoroso

Decisões individuais
O que posso fazer,
Se não me ama mais?
Além de me refazer

Gratidão pelo vivido
História única e importante
No coração ainda vívido
Estoura um amor dissonante

Sinto muito
Lamento
Sou grato

Quis muito
Ainda aguento
A cada ato

Paciência, ensinamento
Manter o prumo e o nível
Consciência, encerramento
Manter o Rumo invisível

Ciclos da vida
Não há como parar
Vejo a vinda e a ida
Talvez hora de recomeçar

Meus irmãos
Ainda
Insistem ir
Além?

Amém!
Levante o olhar à
Estrela
Maravilhe-se com o brilho



**Gerson
Domingos de Oliveira**

Gerson Domingos de Oliveira



Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 1995 onde desenvolveu e coordenou um projeto exercendo a função de treinador de futebol voluntário para garotos, no bairro Monterrey. Escritor e poeta com participação em outras coletâneas.

Cadeira nº 38. Patrono Gonçalves Dias

“A vida é luta renhida, que aos fracos abate, e
aos fortes, só faz exaltar”.

Gonçalves Dias

Amiga Natureza

Quando Deus criou o mundo, fez com perfeição.
Criou a natureza, um paraíso.
Um belo jardim com milhões de árvores, coloridas e floridas,
pássaros a cantar, com seu canto.
Parecia uma sinfonia, as árvores em silêncio ouviam.
Ouvia-se o chiar das cascatas, e murmúrio das águas dos rios,
peixinhos nadando felizes.
Os bichos por capricho, tomando seu banho
se refrescando, patinhos nadando contentes.

Com o passar dos anos o homem foi destruindo tudo,
desmatando, os rios secando.
Fez tamanha judiação e destruição,
com a motosserra cortando árvores centenárias, frutíferas,
deixando, aves e bichos sem alimentos.
Tudo desprotegido, quando a chuva vem, lava fazendo erosão.

O ser humano é tão desalmado!
No tempo de chuva joga o lixo no leito do rio e do córrego,
quando chove tem enchente, água já não flui naturalmente.
Solta balões que quando caem nas matas desperta o fogo,
maltrata a natureza, mata bichos e aves.



Assoreando barrancos, desprotege as nascentes
Nos grandes mananciais, entra poluição de todo tipo.
Se fica doente, sem respiração.
A fonte do desejo onde os passarinhos faziam o pedido,
de encontrar sua amada, virou fonte do desprezo, acabou.

Todo dia falam em desmatamento na Amazônia.
Corta-se árvore de todo tipo. Desmata áreas grandes.
Há lei, mas ela não vence, é fraca.
Quando se prende os malfetores, pagam fiança e são soltos.

A falta de água no nosso país é por causa do desmatamento.
Sem programa de conscientização, secam os mananciais.

Antigamente era a dança das quatro estações.
Hoje, chove num lugar demais e outro seca demais,
está tudo descontrolado.

Culpado é o homem que está acabando com tudo,
desprezível não tem coração,
destrói tudo que encontra pela frente,
animais estão morrendo de fome e sede...
É tão triste ver isso acontecendo aqui no Brasil.
Vamos dar as mãos e construir: um mundo melhor,
semear sementes, plantar uma árvore,
enriquecer a natureza para nossa saúde.
Eu quero, eu preciso, nós queremos, nós precisamos.
A Natureza pede socorro!

Rio Capivari

Ele nasce na bela cidade de Jundiá.
Conhecido como o rio das capivaras.
Da nascente formou água corrente,
Que segue o curso, em forma de discurso.

Passando por várias roças onde trabalhadores
Almoçam e descansam na velha palhoça.
Até chegar em Louveira,
conhecida cidade da videira.

Tabarana, peixe bonito, bacana.
Árvores frutíferas na beira do rio, amoreira, ameixeira,
orvalha, pitomba, quando venta os frutos
caem na água fazendo pequenas ondas.

Praça arborizada, chafariz jorrando água
sem parar, onde os passarinhos vão tomar banho
As pessoas pela manhã vão pegar água na bica.
Que coisa rica, enche garrafão que emoção!

Vai chegando fim de semana. Bem cedo está frio.
Rapazes, moças, senhores e senhoras vão caminhar,
em volta do rio, vão tomar água para matar sua sede.

Passam, chegam na ponte, sobe e desce animado.
Que alegria, já estão pensando no outro dia.
Já cansados neste sábado, mas coração cheio de satisfação.

Iluminado todo o rio, dá para ver todos os peixes.
Chega o domingo — dia tão lindo — as famílias
vão chegando, se acomodam sob as árvores.

Organizam saboroso piquenique e as crianças brincam e nadam.
Os peixes se amontoam para receber migalhas das mãozinhas.
Ponto alto: os pais começam armar a churrasqueira.

Depois do churrasco, descanso merecido.
Enquanto na rede tomam água e matam a sede.
As crianças vão brincar no balanço.

A tarde os namorados sentam no banco da praça,
Estão se beijando e se amando.
A menina vai pegar água na mina pura cristalina.

O sol brilha, que maravilha — dá para ver os peixes.
Chega à tardezinha, vão se aprontando e voltam às casas.
Que domingo alegre e feliz que passaram.



Giovanni Cunha

Giovanni Cunha



Nascido no município de Jundiaí-SP em 1992 e residente em Louveira-SP desde o mesmo ano. Ensino Médio e Técnico Escola Técnica Estadual Vasco Antônio Venchiarutti (ETECVAV Jundiaí). Graduação Odontologia: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Pós-graduação (Mestrado) Ciências Odontológicas – Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Especialização em implantodontia e prótese sobre implantes – ISEO/Avanti São Carlos-SP. Especialização em Radiologia e Imaginologia Odontológica – FACOP. Radiologista Hospitalar. Pós-graduação (Doutorado) Ciências Odontológicas – Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Cirurgia plástica de gengiva AORP-Ribeirão Preto. Pós-graduação (Doutorado – CAPESPrint) Impressão, design e manufatura additive 3D em Cirurgia Bucomaxilofacial: Universitätsspital Basel e University of Basel, ambos na Suíça. Research fellow pelo grupo Swiss MAM e Laboratório de Impressão 3D no setor de Radiologia e Medicina Nuclear do Universitätsspital Basel. Possui experiência em revisão e escrita científica. Atualmente é revisor do periódico internacional Annals of Maxillofacial Surgery. Fluente em Língua Portuguesa (materna) e Inglês, além de possuir conhecimento em Espanhol e Alemão.

Cadeira nº 24. Patrono Elyseu Queiroz de Souza

“A Igreja de hoje é melhor que a de ontem”.

Elyseu Queiroz de Souza

Recomeço

parte 1

O relógio marcara pontualmente dez e dois naquela fria manhã suíça e uma nova composição dava os sinais de chegada. À medida que a grande locomotiva avançava sobre os trilhos em direção a estação, o compasso das rodas de ferro era reduzido. O condutor gesticulava com as mãos para fora do vagão ao mesmo tempo que o barulho da buzina fazia-se audível. Os últimos sons daquela longa jornada — como se insistisse aos mais desavisados que o trem havia atingido seu destino.

Os vagões finalmente pararam sobre os trilhos enquanto alguns avisos ainda eram ouvidos pelos autofalantes do trem. Composições que por sinal pertenciam a antiga companhia ferroviária do oeste. Modelos antigos, porém preservados; em todos os detalhes ao longo de cada um dos vagões se via a história registrada, fosse na costura inglesa clássica das poltronas ou nos espelhos bem-acabados, de origem francesa, posicionados nos toilettes. Na primeira classe o requinte e sofisticação revelava o que havia sido os anos de glória da empresa. Como um livro aberto aqueles trens contavam as últimas décadas europeias.

As portas se abriram num compasso organizado e pontual — típico daqueles trens. O relógio repousava o ponteiro menor sobre número seis e o maior sobre o dez. A viagem era finda. Naquela manhã os trens que chegavam apenas possuíam o destino de ida pois o caminho contrário lhes era impedido. Não haveria volta. Pelo menos não nos próximos anos. As várias barricadas ao longo do trajeto evidenciavam que tempos trabalhosos se anunciavam. Aquelas locomotivas que outrora carregavam importantes passageiros de leste a oeste, cruzando o velho continente em tempo recorde para a época estavam prestes a repousar nos pá-

tios frios de Basileia até segunda ordem. O sistema postal civil, que dependia quase que exclusivamente do sistema ferroviário também seria interrompido sem previsão de retorno.

Mas naquela derradeira viagem as classes já não eram mais importantes, pois cada assento era precioso demais para ser reservado por algumas pratas. Em cada vagão, misturados entre as bagagens, viam-se os primeiros habitantes das regiões belicosas. Mesmo que ainda não havia uma guerra declarada, seu início parecia iminente. O terror e a tristeza estava estampado nos olhares de desalento daqueles passageiros. Algumas crianças brincavam entre os bancos do vagão parecendo que estavam prestes a embarcar em uma viagem de férias ou até visitar a parentela mais distante — de tão pequenas e inocentes tampouco davam-se conta que talvez nunca voltassem a terra natal.

A tripulação, com um gesto cortês, estendendo a mão despedia-se dos passageiros como se quisesse trazer um pouco de esperança àqueles que transportara de tão hostil lugar. A tensão promovida pelos rumores da guerra no leste eram evidentes, não somente aos viajantes, mas também aos habitantes da nação que os acolhera. Certamente, não seriam dias fáceis, mas aquela estação representava um sinal de recomeço àqueles que foram forçados a deixar sua terra.



João Batista

João Batista



Nascido em Jundiaí/SP. Pedagogo e colunista no Jornal Folha Notícias. Membro efetivo da ALLA a partir de 2021. Criador do termo "Louveirando", usado nos meios de comunicação.

Cadeira nº 22. Patronesse Clarice Lispector

"O amor já está, está sempre. Falta apenas o golpe da graça – que se chama paixão".

Clarice Lispector

Calçadas não há

Eu não te atropelarei, por mais que tu insistas
O suicídio é teu, e deste ato insano, parte não tomarei
Podes andar no meio da rua, atravessar fora da faixa
Eu não te atropelarei.
Podes, sem olhar para os lados, repito,
atravessar a rua de cabeça baixa
Olhando no celular: eu não te atropelarei
Ratifico, o suicídio é teu
Não me levará para onde fores
Seja o céu, que eu duvido, ou o inferno o mais provável
Que eu não torço... mas é para onde os suicidas vão
Te seguirei devagar pelas ruas e não responderei
aos teus gestos, obscenos gestos, que fazes com o dedo,
aquele do meio da mão: o dedo e o suicídio são teus...
Eu não te atropelarei
Carregues o celular com teus passos numa conduta abjeta
E, de dentro do meu carro, eu seguirei pela rua
Te vendo ali, logo adiante, fora da faixa, estendido e morto
Cabeça e sangue, mão retorcida e celular intacto
Um assunto para o almoço de domingo, antes do futebol

Vento Sul

A Praça existe
À frente, é logo ali
A rua a vê vazia
Fazia frio, faltava gente
A Praça não se importa
O vento a toma inteira
Dizendo ser seu amigo

Paixão

Eu quis tanto, vê-lo hoje
Pois tê-lo já, visto ontem
Faz o amanhã tão longe

Tia Clara

Um sorriso claro, de uma pessoa rara
Sempre que o tempo para, é para fitá-lo
E não para tê-lo, como afirmam uns tais
Um sorriso raro, que o tempo implora
Que sempre dure mais
Para que seja assim
Para que não tenha fim
E se a eternidade não fosse tão tola
Ela passaria sem constrangimento
Somente a imitá-la
Essa pessoa “Clara”, de sorriso claro

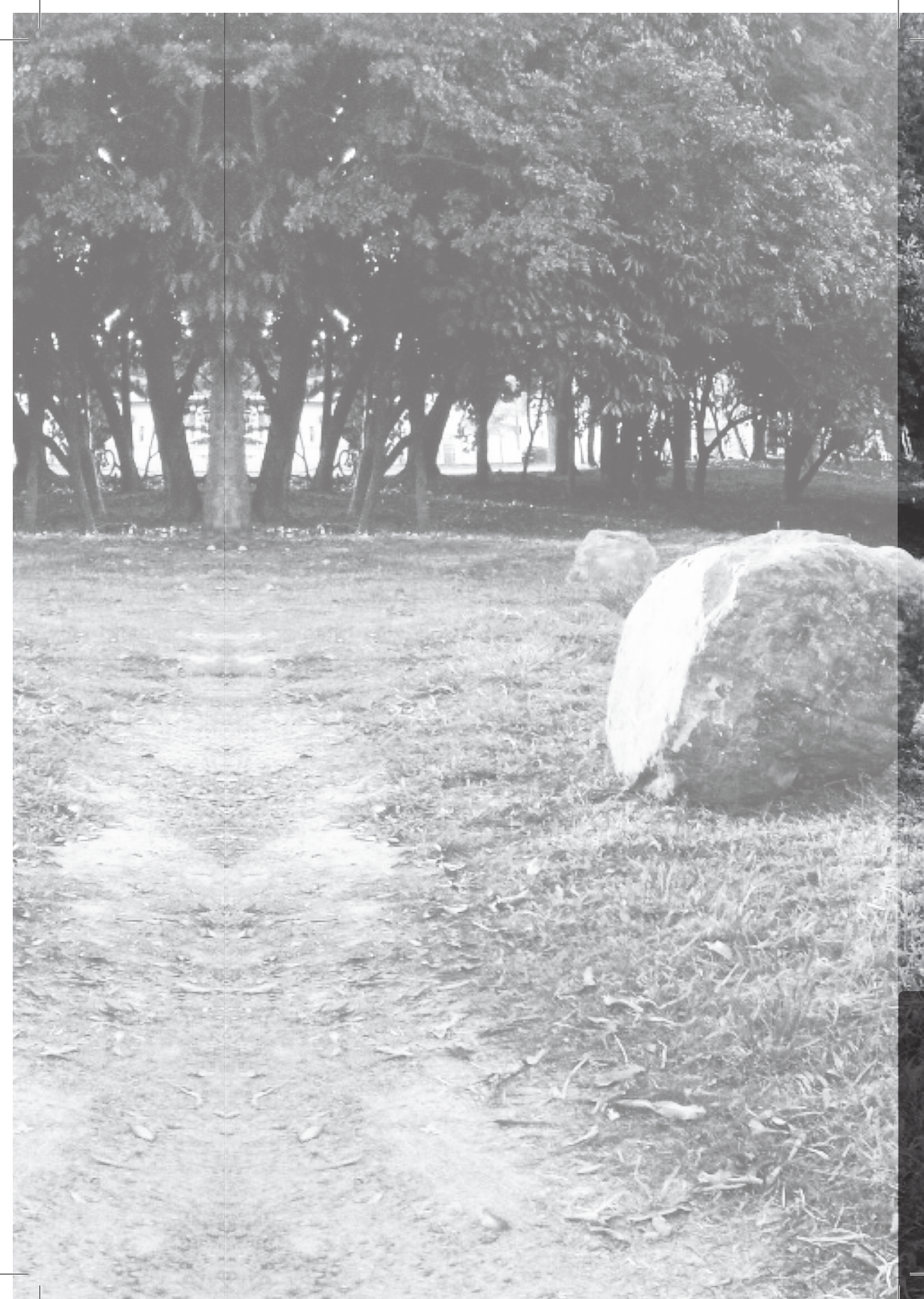
Que voltem as tabaranas!

O rio, este mesmo que tu vês hoje, contendo águas impuras
Outrora de águas claras, abundantes, límpidas e transparentes
Mil vezes, ou mais, essas águas frescas, fizeram brotar sementes
Agora, num tempo de desalento, sujas, embaçam o que procuras

O leito raso, sem força, formata com lentidão, apenas terras dormentes
Carrega dentro de si, correndo bem devagar: em poluição não há curas
Tingindo as suas margens, num jorro quase sem vida, chorando suas agruras
Mostrando a todo mundo, que o homem jogou ali, seus atos inconsequentes

Num zigue-zague aquático, num movimento ainda lento, há esperança sim
De que tudo que ali respira, nas águas bem poluídas, com muita dificuldade
Se o homem aderir ao trabalho, prumado e com direção, ainda não será o fim

Outrora, as tabaranas, os cascudos e os lambaris, saudaram tua mocidade
Por outro lado, as lontras, capivaras e as crianças, brincaram com o capim
Que hoje! Voltem as tabaranas, deixem de ser projeto, e tornem realidade





**Júlia
Fernandes Heimann**

Júlia Fernandes Heimann



Natural do Rio de Janeiro. É escritora e poetisa. Membro da Academia Jundiaíense de Letras; vice-presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; membro do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávoro; vice-presidente da Câmara Setorial de Literatura. Autora de onze livros. Participante de mais de cinquenta antologias. Recebeu da União Brasileira de Trovadores (UBT) a denominação de Delegada da UBT em Jundiaí, após ter recebido vários prêmios com suas trovas. Escreve, quinzenalmente, no Jundiaí Agora.

Cadeira nº 15. Patrono Synésio Ascêncio.

“Tarumeiro – tarumã... crescendo para o alto,
leva em cada ponta, pontas de amor de cunhã”.

Synésio Ascêncio

Meio Ambiente Poluído

Muito louvável a iniciativa do prefeito de Louveira, Dr. Estanislau Steck, objetivando despoluir o Rio Capivari na extensão que passa pela cidade que administra! Exemplo que deveria ser seguido por todos os políticos, quer prefeitos, governadores e outros.

O Rio Capivari, com nascente em Jundiaí, passa por Louveira, Vinhedo, Valinhos, Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Rafard. Seria uma maravilha se todos os prefeitos dessas cidades pensassem em sua despoluição!

Os peixes Tabaranas (*Salminus hilarii*), que antes eram abundantes no rio, foram dizimados. Embora seja uma qualidade de peixe agressiva e carnívora, com dentes aguçados e imprópria para consumo, era parte natural da região. Mas isso não acontece só com o Rio Capivari.

Também o Rio Jundiaí está poluído. Os jundiás, que aqui abundavam e deram nome à cidade, também foram dizimados! O rio, onde os moradores antigos nadavam, está sujo, a industrialização se encarregou disso. Consequência do progresso e da falta de consciência de preservação.

O Rio Jundiaí, que nasce em Mairiporã, atravessa os municípios de Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jundiaí, Itupeva, Indaiatuba e deságua no Rio Tietê, em Salto; local onde está mais poluído.

Falando-se em Rio Tietê, vamos lembrar que ele tem 1.136 km de extensão, atravessa 62 municípios paulistas e passa por todo o estado de São Paulo, de leste a oeste. Cruza toda a região urbana de São Paulo (capital); nascendo na Serra do Mar, em Salesópolis

e desaguando no Rio Paraná, em Itapura, que faz divisa com Mato Grosso do Sul. Seu manancial está altamente poluído pelos detritos que recebe, principalmente na capital paulista.

O Rio Tietê já foi líder em esportes aquáticos. Ali se praticavam várias modalidades de regatas, tais como: remo, natação e saltos ornamentais. Foi o berço de clubes direcionados para esse tipo de competição. Hoje, totalmente poluído, é impróprio para qualquer tipo de esporte.

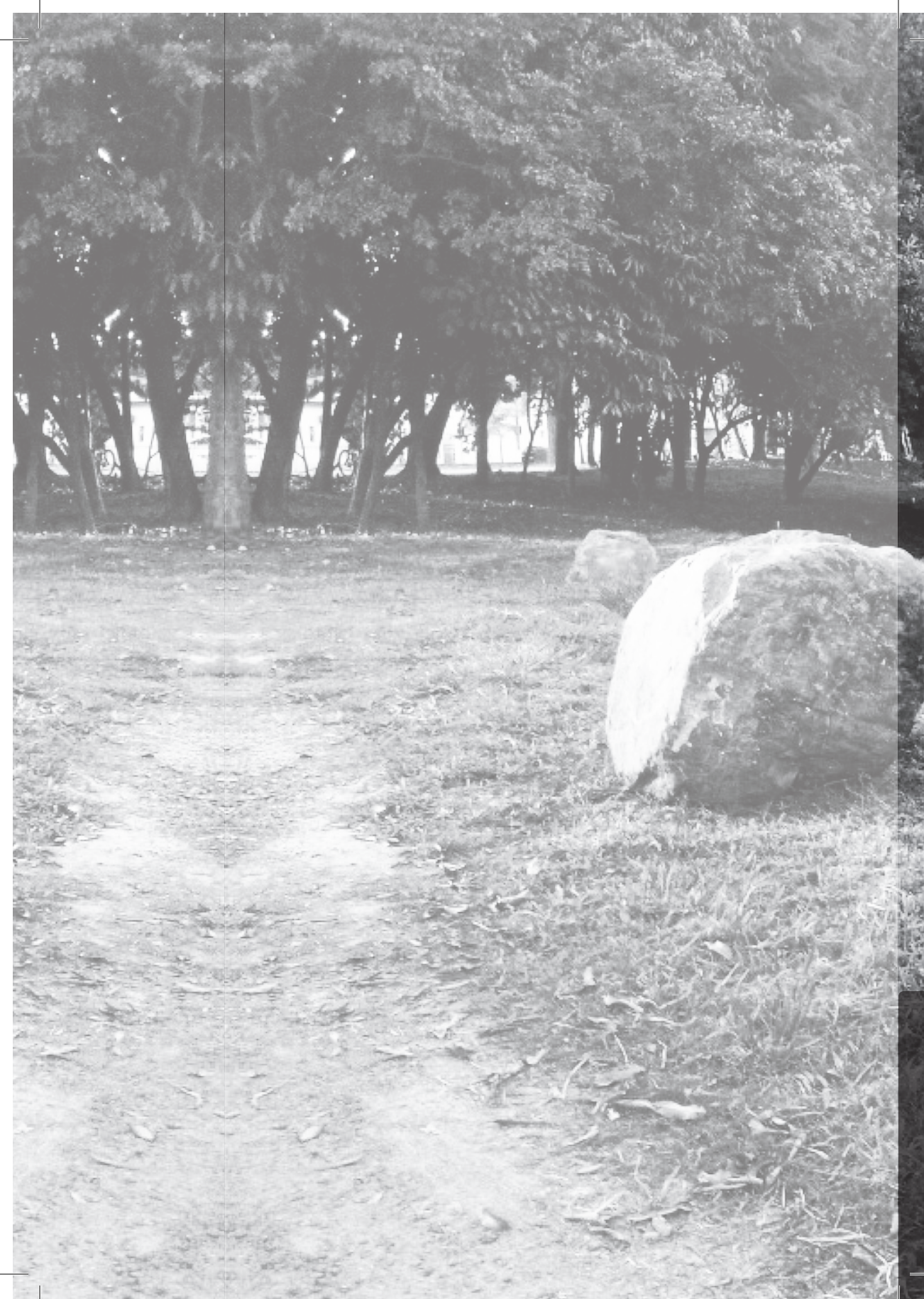
Aproveitando que a crônica fala de poluição, citarei a Serra do Japi, uma vítima iminente do progresso. É a única floresta tropical do mundo a erguer-se sobre solo de quartzo que, se for danificado, se tornará em solo calcinante, deserto incompatível com qualquer forma de vida, mas continua a ser explorada. Os apelos à conscientização são muitos; as leis proibitórias para coibir abusos e degradação da natureza são inócuas. Enquanto leis mais severas não acontecem, vamos assistindo indústrias se aproximando e a derrubada da mata para construções. Embora haja sete dispositivos legais para protegê-la, iniciando com o tombamento pelo CONDEPHAAT, desde 1983; a Lei Municipal nº 3732/91 que regula a Guarda Municipal, tendo em sua composição a Corporação Ambiental; a APA (Área de Proteção Ambiental Permanente), Lei Estadual/1984 ; declaração, pela UNESCO, em 1992, como Reserva de Biosfera de Mata Atlântica e ainda outras, visando sua proteção, parecem não existir.

Em 2010, quando foram comemorados os 27 anos de tombamento, o falecido geógrafo e professor Aziz Nacib Ab'Saber, mentor do tombamento, fez o seguinte depoimento: "A fiscalização é quase inexistente, por isso, ela (a fiscalização) deve ser feita antes que condomínios sejam construídos ". Também o professor de biologia da Unicamp, João Vasconcellos Neto, assim se pronunciou: "Já foram estudados e produzidos mais de 100 artigos e mais de 60 teses de mestrado e doutorado sobre a fauna e a flora da Serra do Japi e posso afirmar que estamos longe de conhecer a Serra". Realmente, é um patrimônio, não só da região e do Estado, mas nacional!

Leis proibitórias podem ser feitas, mas a principal mesmo, a que vai conseguir despoluir os rios e serras, é a conscientização do povo, enquanto isso não aflorar, vai ser difícil.

Na cidade de Louveira, haverá sucesso, com certeza! O povo é cuidadoso e a degradação ambiental ainda é possível de ser controlada. Que o Rio Capivari torne a ser habitat de muitos peixes e que sua mata ciliar seja povoada por pássaros e outros animais que encantem os moradores!

Sucesso louveirenses!





Larissa Scomparim

Larissa Scomparim



Campineira de nascença e Louveirense de coração desde 2017. Neuropsicopedagoga, com pós graduação na arte milenar de contar histórias. Além de possuir formação complementar em Sociologia e Artes Visuais. Atua desde o ano de 2002 na educação com vivências em variadas faixas etárias. Projetos aprovados no Proac e reconhecimento através de premiações nos concursos: Ler um livro para ler o mundo e Movimentos das Cidades. Diretora Cultural na ALLA (Academia Louveirense de letras e Artes) com diversos textos publicados e criadora do canal "INFINITO JÁ"

Cadeira nº 11. Patrono Vinícius de Moraes.

"Que seja infinito enquanto dure".

Vinícius de Moraes

Castigada pela vida

No rosto erupções da juventude,
Imersas em covas de tristeza,
Dentes escondidos negam a sorrir,
Lágrimas correm.
Já não durmo, não como e nem vivo.
Não consigo encontrar a saída.
Dentro do penhasco de minha solidão,
Procuro o eco da minha felicidade.

Vejo minhas lembranças ilhadas a ratos,
Meus familiares em criptas de cemitérios.
Só um é digno de meu respeito.
Aquele que enxuga minhas secreções,
E por ele busco enganar um sorriso.

Mas meu cálice de esperança
Está prestes a transbordar,
Lágrimas viscosas e vermelhas.
Ninguém compreende o que sinto,
De querer tanto o bem, cometi o mal,
Da minha escuridão, o aroma do pecado
Trará sabor de veneno.
Posso merecer o perdão?
Mas, já não há quem possa me perdoar.

O Desabrochar da rosa

O Desabrochar de uma rosa é um momento mágico tão esperado, no qual se revela toda a dedicação e cuidado em que ela foi tratada, regada com muito amor e carinho, exposta ao sol na medida certa e protegida contra os perigos, irá se tornar vistosa.

Depois de tantos cuidados, de tamanho zelo, nada mais justo do que aguardar ansiosamente o momento de desabrochar, mas por incrível que pareça, esse tão esperado instante, de uma hora para outra, o que era tão previsto, torna-se temeroso.



É uma inexplicável vontade de quebrar o tempo, de tal forma que aquele lindo e tão belo botãozinho de rosa permanecesse, sempre, tão lindo e belo, frágil botão de rosa, que, por si só, não seja suficiente para sobreviver, necessitando sempre de tamanho zelo e proteção.

Ficasse eternamente aquele botão e a beleza da essência que carrega de ser tão promissor, tão esperançoso futuro que lhe aguarda, ficasse sempre a prometer. Pois ao olhar um botão de rosa, não é só a beleza que se mostra, mas sim a possibilidade que vem a ter, em se tornar uma bela e formosa rosa.

Mas independente de tamanha vontade em congelar o tempo, ele passa e mesmo sem querer enxergar o florescer desta rosa, ela brilha. Brilha de tal forma que surpreende a quem com tão zelo a cuidou, pois se tornou a mais bela rosa.

Então, não resta mais nada a não ser, render-se inegavelmente ao seu brilho e se condenar por pensamento tamanho em privar o mundo do teu esplendor, pelo simples fato de querer eternamente aquele tão dependente botão de rosa.

Desabrochou... É fato! Mas deste novo brilhar irá continuar o ciclo da vida e muito que provável virá mais um lindo e belo botãozinho de rosa com todo o seu potencial e esta rosa que acabara de desabrochar irá entender o porquê de querer quebrar o tempo no momento do desabrochar da rosa.

Homenagem à minha filha Amanda Scomparim Port

TABARANA

Larissa Scomparim



VIII Coletânea – ALLA

TABARANA CHORA.

CHUÁ CHUÁ.

TABARANA TRISTE.

CHUÊ CHUÊ.

TABARANA É UM PEIXINHO QUE PERDEU O SEU LAR.

SEU LUGAR DE MORAR É NO RIO CAPIVARI.

TABARANA SE PERDEU NO LIXO QUE PODE SER SEU.

QUER SALVAR TABARANA, É SÓ O LIXO SEPARAR.

TODOS NÓS DEVEMOS DE NOSSAS ÁGUAS CUIDAR.

E ASSIM VOU TERMINANDO CHAMANDO TODOS A AJUDAR.

TABARANA SALVOU SEU LAR. EBA!

TABARANA FICOU FELIZ. Ê!



Lourival de Barros Santos

Lourival de Barros Santos



Natural de Recife-PE. Reside em Louveira desde 1987. Trabalha na Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato – Louveira. Participou com seus poemas de várias Coletâneas da ALLA.

Cadeira nº 31. Patrono Rubem Alves.

"Só veem as belezas do mundo,
aqueles que têm a beleza dentro de si!"

Rubem Alves

Suntuosa

Pertences ao panteão

Nós, apenas simplórios súditos, imploramos

És impetuosa, língua afiada, por vezes, deselegante

Não sei se beijo ou mordo, corro ou fico,

um turbilhão de sensações freneticamente nos atropela

transpassam adagas de farpas de teu sorriso

o leme ressurgue na nau desgovernada do meu coração

espremido por conflitos

Tua boca suntuosa,

teu olhar verde oliva

aura dilacerante,

envolta em luz furtiva

perto de ti quero ficar,

custará caro, eu bem sei

alma entrando em combustão.

Restos de memórias

Lourival de Barros Santos

Restos de memórias, pedaços de angústias,
reminiscências espalhadas pelo chão
O chuveiro reverbera na incontinência da minha saudade
Travo um diálogo com meus fantasmas, eles rastejam,
Assombrando rancores perniciosos, murmurando frases inaca-
badas,
O dito pelo não dito soa como uma canção triste
Agarro-me as velhas questões, remoendo pedaços de feridas,
Volto a questionar a minha integridade,
Pego-me duvidando de meus bons modos
Sou quem penso? Ou aceito as minhas impermanências?



Romanticamente

Poesia

Romanticamente

Mendigo os braços teus

Fabrico incertezas augustas

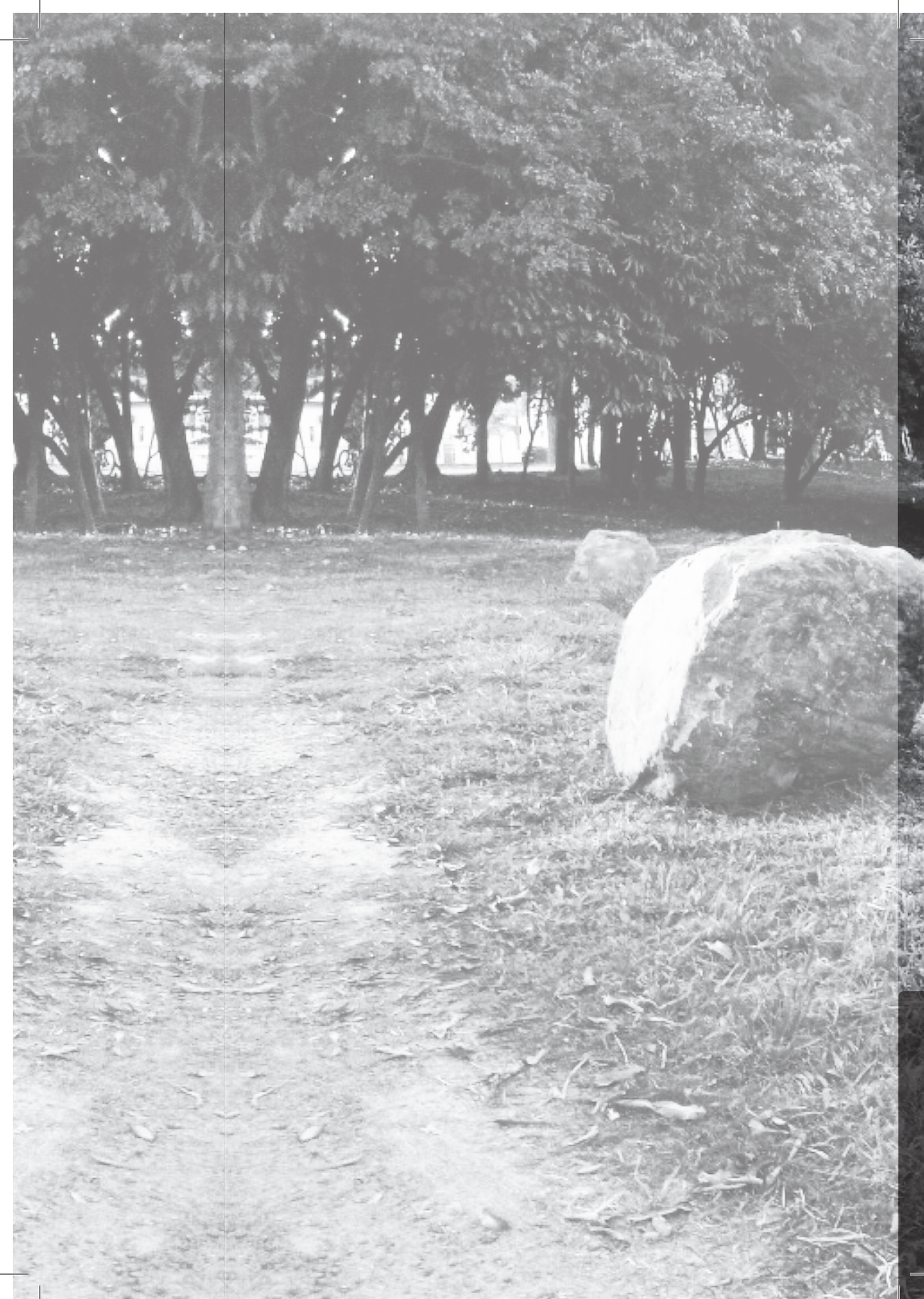
Rompo-me em teus galanteios

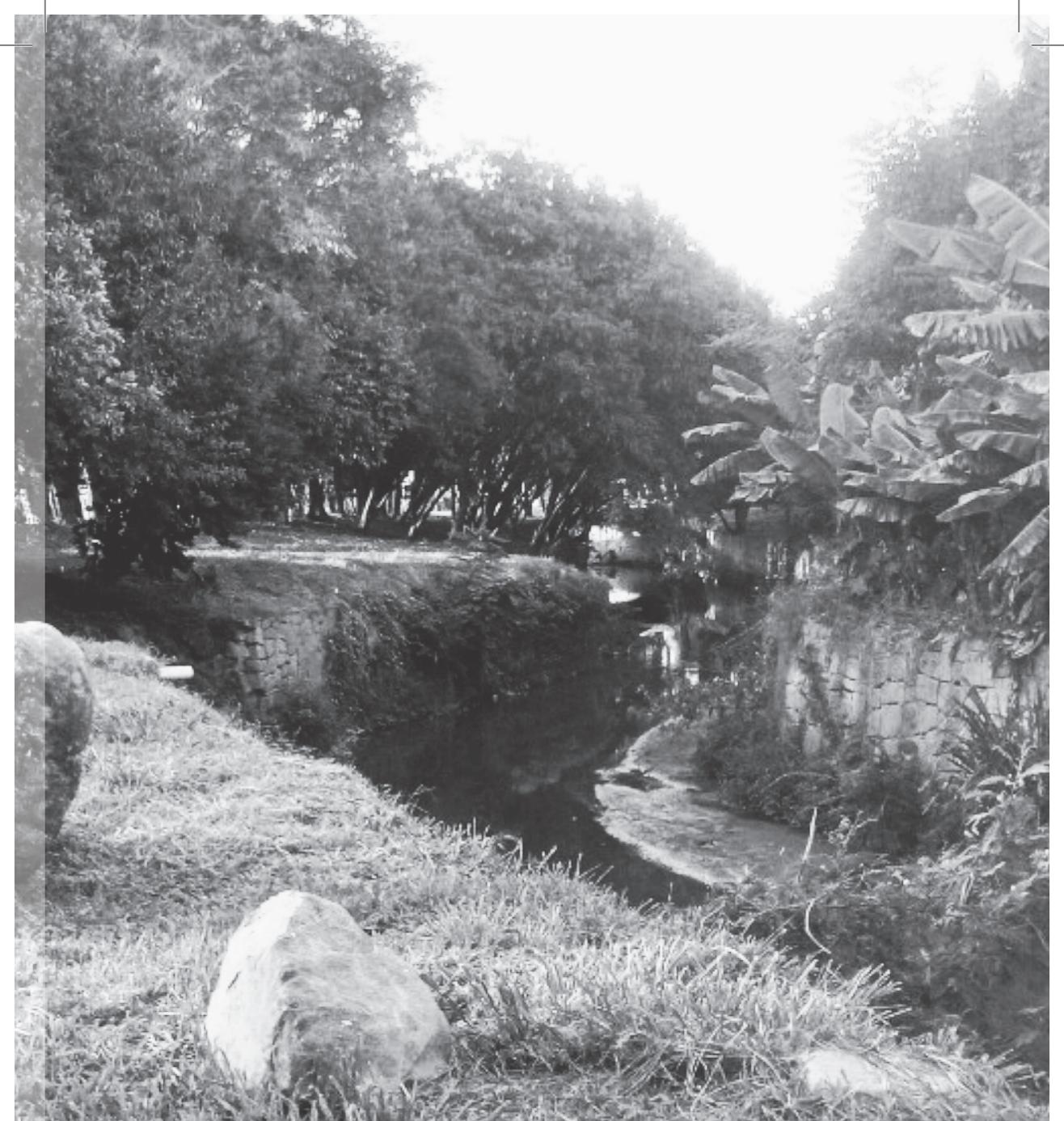
Rasgo-me por teus sorrisos

Rastejo por um tempo ao teu lado

Imploro por um naco de teu cheiro

Constantemente me perco nas tuas delicadezas





**Marlei
Camanhes de Oliveira**

Marlei Camanches de Oliveira



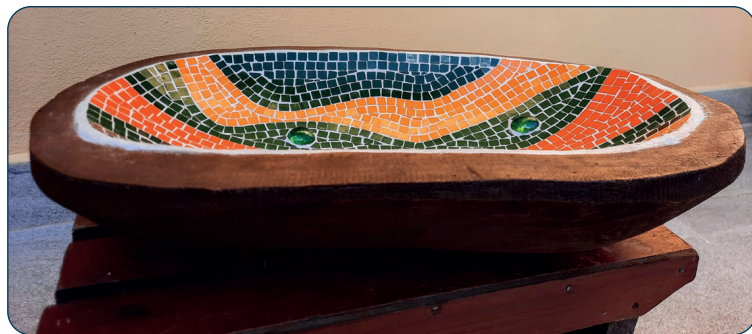
Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 2006. Iniciou suas aulas de pintura em tela e desenho em 1973. Coursou a Escola Panamericana de Artes. Ministrou aula de desenho e pintura. Tem obras premiadas em exposições de artes plásticas.

Cadeira nº 06. Patronesse Hilda Hilst.

“Olha-me de novo. Porque esta noite
olhei-me a mim, como se tu olhaste”.

Hilda Hilst







Neusa Rossi Cevalhos

Neusa Rossi Cevalhos



Natural de Jundiaí/SP, mudou para Louveira/SP com 23 anos. Aprendeu a arte de fazer crochê observando sua mãe desde muito menina. Atualmente, atua como professora de Artesanato, tendo trabalhado por 18 anos na Prefeitura Municipal de Louveira/SP.

Cadeira nº 12. Patrono Guimarães Rosa.

“Caminhe sempre confiante e fortaleça essa esperança dentro do seu coração. A sua fé é o seu escudo contra os obstáculos impossíveis. A fé derruba qualquer barreira!”

Guimarães Rosa







Odete Moscospki

Odete Moscoski



Natural de Goiatuba - GO. É artesã de bonecos de pano, bordados, patchwork e biscuit. Reside em Louveira desde 1976.

Cadeira nº 05. Patrono Aleijadinho.

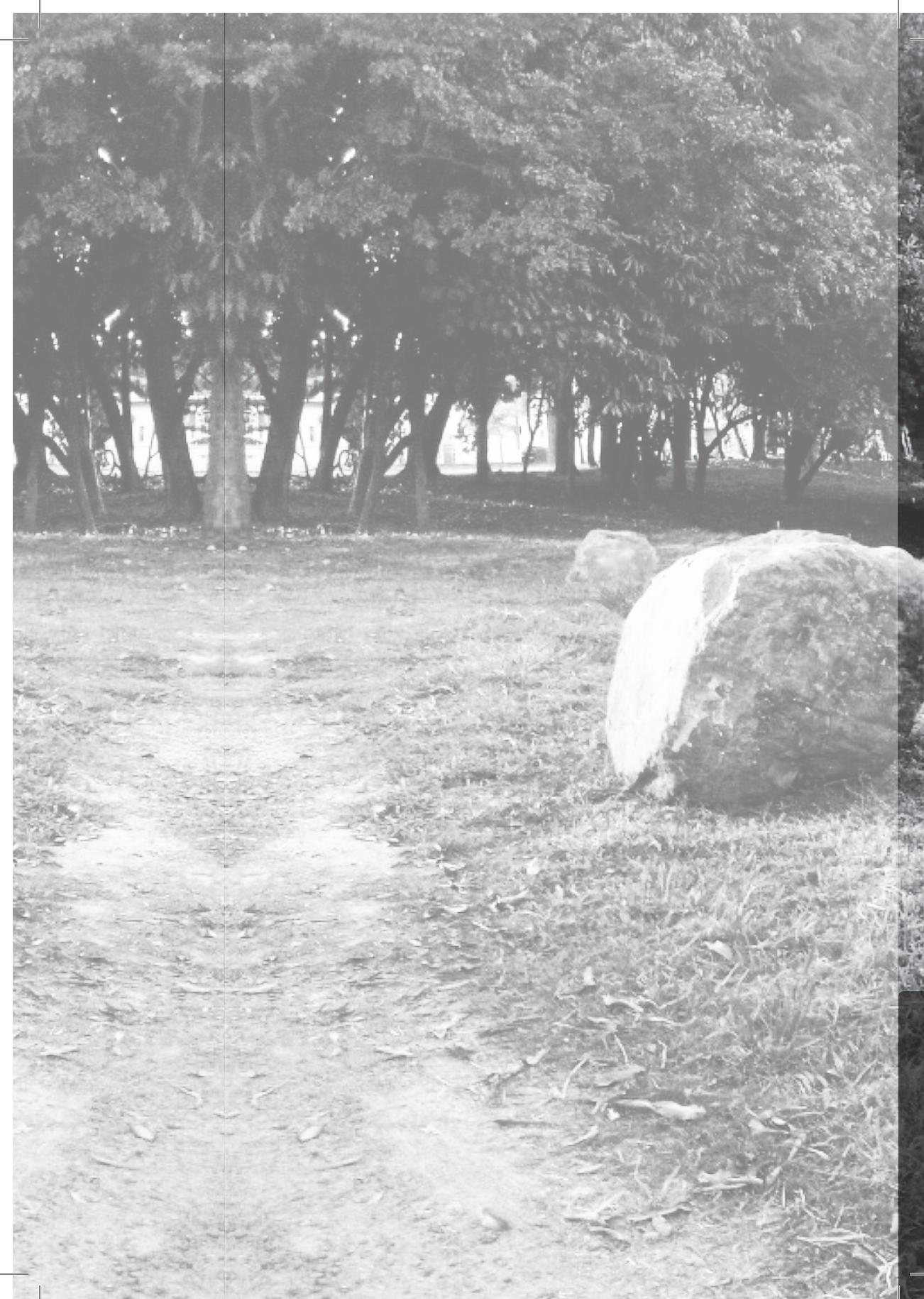
Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), conhecido como Aleijadinho, foi um escultor, entalhador, carpinteiro e arquiteto do Brasil colonial.

VIII Coletânea – ALLA

133

Odete Moscospki







Samuel Moscospki

Samuel Moscospki



Natural de Jundiaí-SP. Reside em Louveira desde criança. Ex-Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA. Escritor e poeta, participou de várias Antologias. Teve obras premiadas e publicadas em diversos jornais. Foi um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira. É autor da letra do Hino da ALLA. Recebeu moções de congratulações da Câmara Municipal de Louveira.

Cadeira nº 01. Patrono José Ademir Tasso.

“E só um cisne, morre na solidão das horas”.

José Ademir Tasso

Sabiá do peito vermelho

Na beira daquele caminho
Ainda existe o velho pé de coqueiro,
Onde, com seu canto magnífico,
um sabiá cantava o dia inteiro.

Por ter nascido belo e saber cantar,
Uma arapuca o fez prisioneiro.
Foi morar numa gaiola enfeitada,
Onde iria ser trocado por muito dinheiro.

Tinha pressa aquele rude homem
Em amansar seu ilustre seresteiro
Contava papo em todas as praças,
Por ter pego o Sabiá de peito vermelho.

Mas, com saudades do seu ninho,
ele só pensava em escapar,
debatia-se, escalavrando todo o seu bico,
mirrado e triste nunca mais quis cantar.

Hoje quem passa por aquele caminho
Ainda verá o pé de coqueiro, o ninho abandonado
e uma sabiá-fêmea triste e encorujada
esperando com saudades pelo seu amado.

No silêncio da noite

A noite desce com o seu
manto de estrelas na escuridão
Mais parece um gado Nelore
nos verdes campos do meu sertão.

E a Lua fica espiando
esta minha tristeza sem fim
e eu, no silêncio dos sentidos
sofrendo por te amar tanto assim.

Os sonhos, os abraços e os beijos
já perdidos sem esperança de voltar
São noites de ansiedade e desejos
dentro do silêncio de te amar.

Meu Rio Capivari

Meu querido Rio Capivari.
Quantas saudades tenho de ti.
Que na minha infância junto cresci.
Nadando e pescando.
E muito de sua água bebi.

Na nossa humilde casinha.
Toda a sua água era usada.
Para fazer comida, lavar roupas
E dar banho na criança.
E no regador as plantações,
Toda a horta era olhada,
Todos bebiam a sua água
E ninguém doente ficava.

Quando era mês de janeiro,
Tempo de chuarada
Toda sua faixa era alagada,
Armavam-se os covos de bambu
E muitos peixes pegava,
Era tanto peso que
Uma só pessoa da sua água não tirava.

Lembro das tardes de calor
Que uma poça tinha que ser limpada,
Para a noite não enroscar o anzol
E não perder a linhada.
Trazia para casa uma fileirada de bagre
E para espantar os pernilongos
Fumaça de cigarro de palha, meu velho pai usava.

Muitos anos se passaram e, vindo hoje te visitar
suas águas cristalinas num caldo preto ficaram,
me cortou o coração de ver como você está.
Já não tem mais seus peixes e de suas águas
ninguém mais tomou.
Sentei à sua margem
e chorei com muita dor no coração,
de ver meu querido Rio Capivari
morrendo pela poluição.

E hoje só me resta pedir a Deus,
Para dar um pouco de amor nos corações dos homens
Para que amanhã nossos filhos e netos
Não conheçam nosso Rio Capivari só de nome.



Sandra Regina Rossi

Sandra Regina Rossi



Advogada, casada, paulistana de nascimento, Louveirense de coração. Escrever sempre lhe fascinou e a inspiração faz parte de sua vida desde muito jovem. Sua adolescência foi marcada pela companhia de lápis e papel e onde houvesse natureza e amor o ímpeto de escrever aflorava... eis a inspiração. Hoje faz do lápis e do papel cúmplices dos seus sentimentos e cotidiano. Adora ler, ama a escrita e escrever lhe fascina. Ex-presidente da ALLA (2019/2021). Participou e participa de vários concursos. Foi premiada em 3º Lugar com a Crônica *Na varanda da casa de São Simão*, no Concurso promovido pela Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana — AIL em fevereiro de 2021; pela Literário Nacional com *Luzeiros da Lagoa*. Participa do *Livro 1001 Poetas*, promovido pela Casa Brasileira do Livro além de outros livros que está participando e que estão para serem lançados.

Cadeira nº 10. Patronesse Cora Coralina.

"Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma."

Cora Coralina

O Rio Capivari e o Peixe Tabarana

O acróstico de hoje é sobre o Rio Capivari e o peixe Tabarana:

Relembrando um pouco da sua história,

Indigitado rio é afluente do rio Tietê,

Onde tem sua nascente na cidade de Jundiaí.

Corriam suas águas claras pela nossa querida Louveira,

Aguando outras cidades vizinhas como Vinhedo, Valinhos, Campinas,

Passando também por Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Rarfard.

Impunha sua beleza por onde passava. Hoje, porém,

Vemos que a sua beleza não existe mais.

As suas águas sujas apenas deslizam pelo seu leito como o soluçar de uma vida que,

Rasteja pedindo socorro e

Instigando todos nós a pensar que no seu silêncio existe um grito de dor.

Em meio a tanta correria pergunto: Você já parou para prestar atenção no nosso rio Capivari?

Ouviu seu lamentar? Ofereceu-se a ajudar? Lembrou o que ele foi para os seus antepassados?

Pois é, lembremos que nele um dia pudemos pescar e avistar,
Esse peixe chamado Tabarana, que lá vivia e desapareceu.
Importante saber por que,
Xiiii... esse pequeno valente gosta de águas claras e límpidas para
em sua
Extensão mergulhar.

Traquina ele prefere correntezas.
Aqui ele não vive mais, o conhecido pequeno dourado branco.
Bons tempos se foram e o nosso Tabarana acabou.
Agora só nos resta lembrar dos
Raros momentos em que nadava no rio Capivari.
Ainda encontramos esse peixinho, longe daqui, na bacia do
"Velho Chico".

Nutrindo nossa esperança de um dia habitar de novo
Aqui em Louveira no nosso Rio Capivari.

Som da Vida

Você sabe qual é o som da vida?

Não?! Nunca ouviu?!

Então feche os olhos...

Concentre-se...

Vamos juntos ter essa experiência.

Pense num dia de outono muito claro.

Aquele dia em que o sol faz questão de brilhar tanto,

Que em contraste com o céu azul, limpinho sem nenhuma nuvem,

Tanta luz... até dói os olhos.

Tente ouvir o silêncio....

Ouvir o silêncio?

Isso mesmo, ouvir o silêncio do seu corpo pulsando.

Tente auscultar os seus mais profundos sentimentos.

Construa dentro da sua mente a beleza da natureza,

O belo cantar dos pássaros por entre árvores de folhas verdes.

O inebriante caminhar do rio em seu leito, correndo por entre as pedras.

Sentir o ar puro entrar em seu pulmão e a brisa suave envolver o seu rosto.

Olhe para cima, abra os braços num gesto, como se fosse abraçar todo o universo.

Ouviu?!?

Então, o som da vida está aí dentro de você...

Pulsando como o vento a jogar suavemente as árvores de um lado para o outro,

Movimentando delicadamente as folhas.

Porque somos um relicário divino nessa imensidão do mundo,

Onde fazemos parte dessa engrenagem fantástica que é a vida.





Sonia Baldo

Sonia Baldo



Funcionária publica há 28 anos. Escreve, desde criança, versos crônicas e poesias, que ficaram guardadas em gavetas até que um dia foi convidada pelo escritor Ademir Tasso (*in memoriam*) por intermédio do também do escritor e poeta Samuel Moscospki pelo conhecimento de que eu escrevia. Assim participou da associação de escritores de Louveira. Depois ingressou junto a eles na Academia de Letras de Louveira fundada em 26 de abril de 2015. Participou do livro *Eu Amo Vinhedo* promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vinhedo. Hoje com orgulho faz parte da ALLA, ao lado de grandes escritores. Tem como lema: "*Plantando doces palavras e colhendo glórias da poesia!*"

Cadeira nº 25. Patronesse Cecília Meireles.

"Tu tens um medo de Acabar. Não vês que acabas
todo o dia. Que morres no amor. Na tristeza.
Na dúvida. No desejo. Que te renovas todo dia".

Cecília Meireles

Guardei-me numa poesia

Juntando palavras contra o vento
Soprando minha inspiração
Assim perdida em pensamento
Seguindo minha imaginação.

Revelando meu segredo
Preencho meu vazio
Caminho sem ter medo
Enfrentando desafio.

Vou roubando fantasias
Dessa doce ilusão
transformando sonho em poesias
Sentimentos do coração.

A poesia tem a alma
Tem lágrimas, tem amor
Tem ternuras que acalma
Tem magia e esplendor!

Encantos do Passado

Sonia Baldo



VIII Coletânea – ALLA

O tempo passa tão veloz!

Vem lembranças, saudades, anseios e, ponho-me a rever a Colônia.

Seguindo a trilha, encontrei paredes diluídas.

Pois da Colônia nada sobrou do existir!

Atrás da Colônia passava um grande rio, mas do que era um rio, apenas avistei um pequeno riacho, as margens mais estreitas com águas lentas que silenciosamente vão criando atalhos entre as pedras em busca da liberdade de seguir em frente, sem saber onde e quando vai chegar!

Ao pé do morro havia uma escolinha, porém me deparei com ela destelhada em ruínas.

No fundo da escolinha um pedaço do que foi um poço, servindo de vaso para uma árvore.

Enfim, encontrei a velha figueira! Que mesmo solitária ficou de pé resistindo ao tempo para a história ali vivida poder testemunhar.

Era uma bela Colônia onde morou os avós com a benção da simplicidade, e o esplendor da sabedoria.

Era um rio bravo, impetuoso, onde as crianças sem medo iam nadar.

Era uma escolinha onde os matriculados construíram sonhos e se transformaram em cidadãos descentes e o mestre hoje é o tempo.

A figueira formosa se move, soltando palavras para um poema e alcançando o céu para levar os pedidos feitos embaixo a sua sombra.

E eu sou uma das crianças daquele tempo, que continua a sonhar!

Tarde de Outono

O vento sopra as folhas ao chão.

Que flutuam e vagueiam pelo ar.

O vento e as folhas dão-se as mãos e se ponham a bailar.

A tarde de outono aos poucos se vai e a sombra da noite vem se
achegar.

A noite traz consigo o brilho das estrelas.

Que vem aplaudir o vento e as folhas que continuam a bailar!

Sonia Baldo



VIII Coletânea – ALLA



Ubirajara de Souza Tavares

Ubirajara de Souza Tavares



Natural de Campos-RJ. Reside em Louveira desde 1960. Médico Pediatra, formado pela Faculdade Fluminense de Medicina. Especializou-se no curso de Médico do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Formou-se em Direito pela Faculdade Padre Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou de outras coletâneas. É autor de dois livros. Vencedor do concurso de contos do Jornal de 2ª Feira-Jundiaí. É Membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí. Membro Correspondente da Academia Pedralva de Campos. Membro da Academia Jundiaense de Letras. Recebeu o título de cidadão Jundiaense.

Cadeira nº 18. Patrono Geraldo Barbosa Tomanik.

“O objetivo dos museus é educar o homem.
Por isso não se entende a palavra museu
desligada da palavra educação”.

Geraldo Barbosa Tomanik

Rosa

Rosa que nasce em roseiral antigo,
Onde por Deus o amor já fez morada,
É rosa que a noite enluarada,
Envolve-a de pureza, em seu abrigo.

O meu amor é roseiral que irrigo
Com pranto a cada ilusão finada,
Resiste a tudo e vejo à alvorada,
Inda existirem rosas — e as bendigo.

Amanhece outro dia e outra rosa,
Mais bela nasce, mais suave e pura,
A mais viçosa e cedo hoje a colhi.

Resta somente e que feliz ventura,
A rosa deste amor, a esplendorosa,
Levar aos lábios e ofertar a ti!



Tema Tabarana

Escolhemos o tema Tabarana como referência para nossa VIII Coletânea e assim divulgar e conscientizar a todos sobre a necessidade do cuidado com o Rio Capivari, onde o peixe Tabarana vivia em abundância em épocas passadas.

O Projeto Tabarana lançado pela prefeitura de Louveira no dia 27 de novembro de 2021, com o objetivo de despoluir o Rio Capivari no trecho que corta nossa cidade, nos inspirou a realizar um convite para que todas as escolas do nosso município participassem do concurso literário e artístico.

Reunimos aqui todos os trabalhos recebidos das escolas e apresentados por alunos de várias faixas etárias.

Inclusive o prefeito de Louveira, Estanislau Steck, nos presenteou com uma poesia sobre o tema.



Estanislau Steck



Estanislau Steck é médico veterinário. Sua vida pública está ligada à Igreja e começou com um pedido do Padre Joaquim para realizar o sonho do pároco anterior, o Padre Maurício: acompanhar e fiscalizar o trabalho dos políticos da cidade. Iniciou então a missão de "garimpar" pessoas na Paróquia Sagrado Coração de Jesus que estivessem dispostas a fazer algo mais por Louveira. Foi assim que nasceu a Pastoral Fé e Política.

A convite do vereador Mazza, se candidatou ao cargo de conselheiro de Saúde e em 2004 foi o mais votado.

Em 2007, concorreu a vereador. Costuma dizer que seu maior exemplo foi seu pai, Angelo Steck Netto, vereador emancipador do município em 1965. Com 771 votos, foi o segundo mais votado em Louveira.

Foi eleito presidente da Câmara por unanimidade em 2010.

Em 2012 foi reeleito vereador com 918 votos pelo PSD e foi novamente a presidência da Câmara em 2013 e 2014.

Nesse período, recebeu a certificação ISO 9001 para atendimento ao cidadão.

Criou a Escola do Legislativo, a Brigada de Incêndio, a CIPA, o Projeto Câmara Sustentável, o Projeto Conhecendo a Câmara e, com o vereador Reginaldo Lourençon, o projeto "Vereador Por um Dia", em parceria com o Senac.

Inaugurou ainda o Museu Virtual da Câmara, resgatando a história política e social da cidade de Louveira.

Foi eleito prefeito de Louveira em 2020, pelo PSD, com 16.988 votos (65,14% do total). Assumiu o cargo em 01 de janeiro de 2021.

Taba, Taba, Taba, Tabarana Sim Senhor!

Vou contar tudo por aqui: como nadava, pulava, como vivi!
Até a década de 1970, no querido rio Capivari!

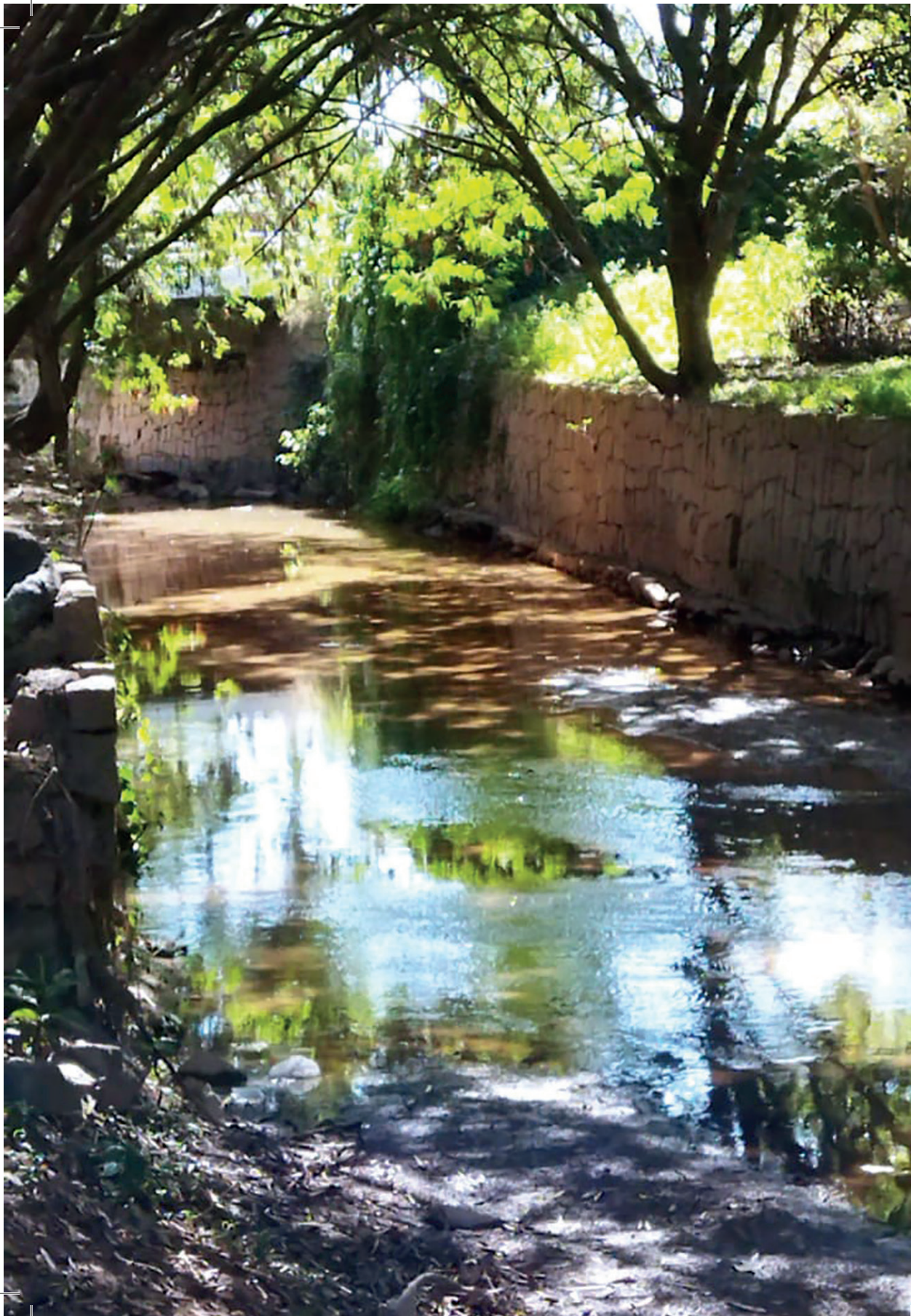
Louveira das uvas, da estrada de chão! Uma “vila” querendo
virar cidade,
Com gente de fé e amor no coração!

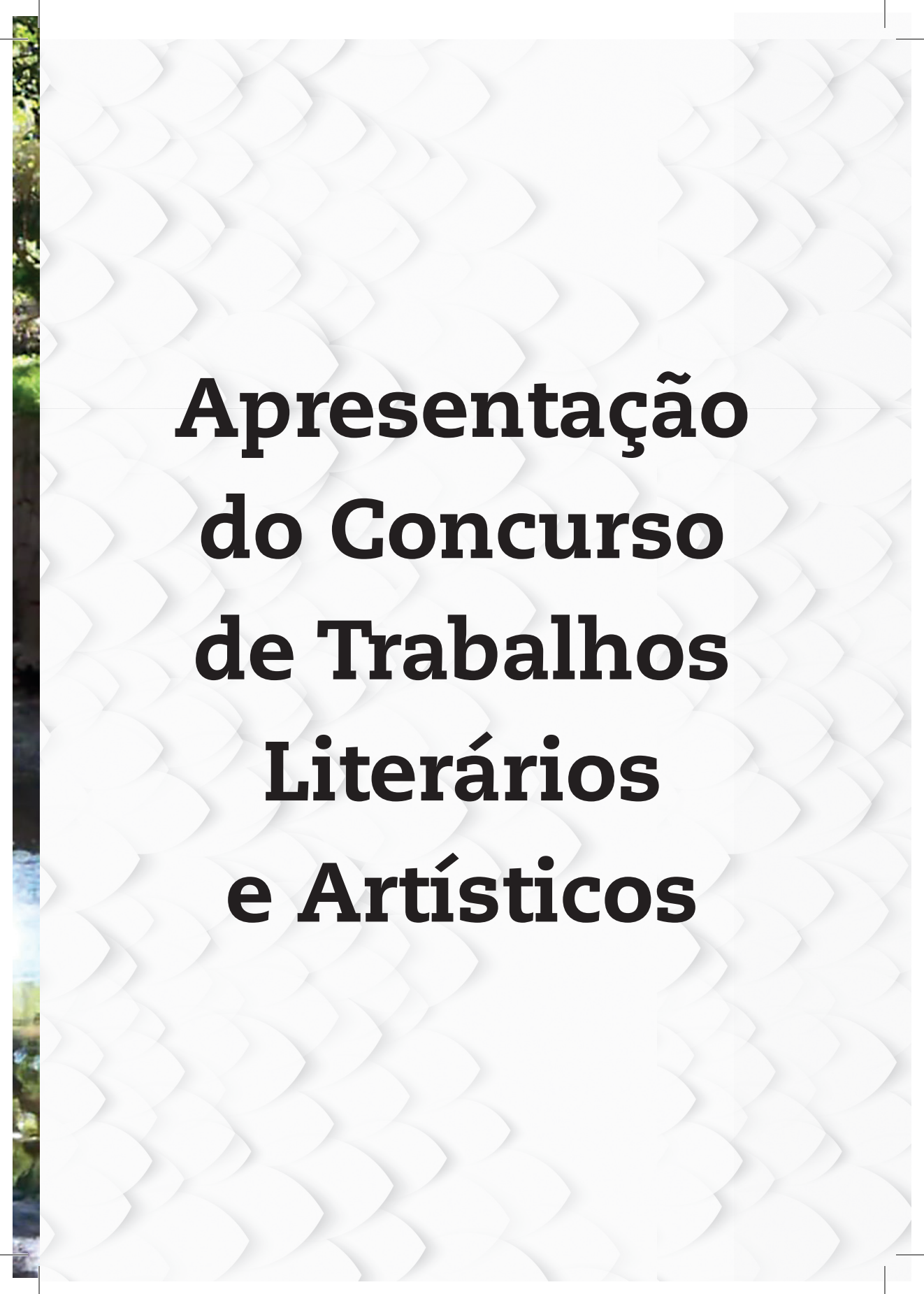
As matas, os córregos do Santo Antônio e do Fetá, Buracão,
Paiol Velho, Barreiro e Sapezal!
Onde quer que você fosse, era eu: o “Dourado branco”, o maioral!

O progresso foi chegando, muita riqueza veio junto...
Porém, trouxe poluição, deixando o rio imundo e muita devastação!

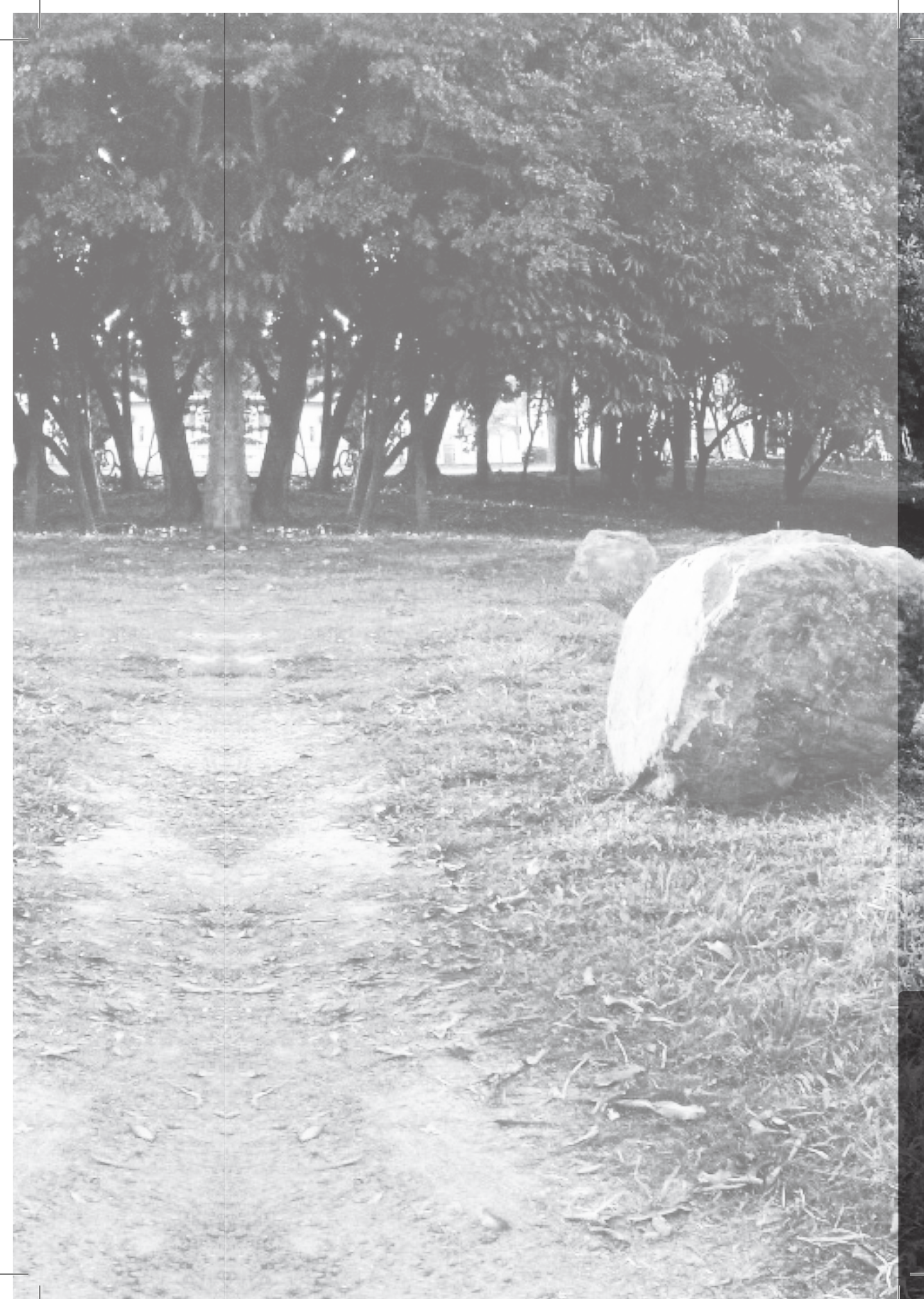
Hoje descobri um amigo, que luta para que eu volte aqui
Na conversa com seus primos, soube como eu era feliz
Nadando e saltitando no querido rio Capivari!

Assim surgiu o projeto, para Louveira contagiar:
Despoluir, reflorestar, educar e reciclar!
Da criança ao idoso, vamos todos com louvor:
TABA, TABA, TABA... TABARANA SIM SENHOR!





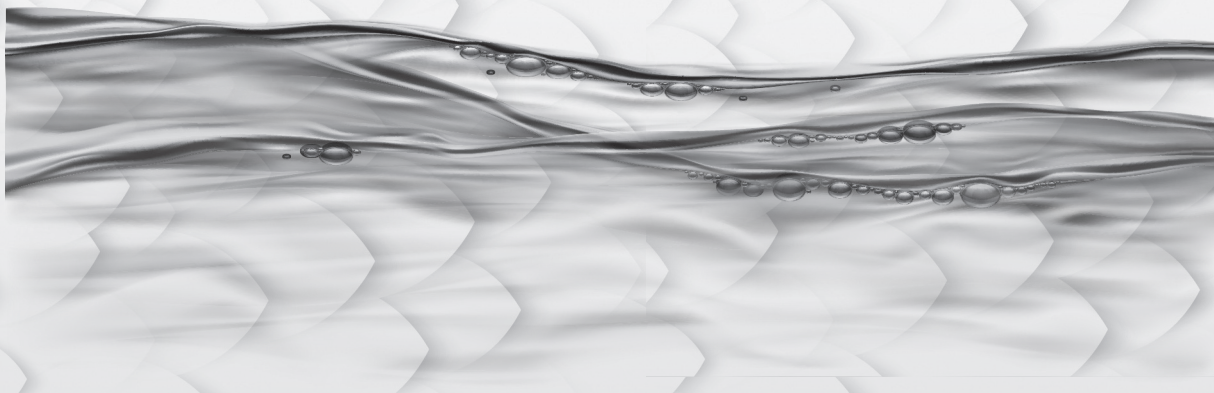
Apresentação do Concurso de Trabalhos Literários e Artísticos





Categoria Infantil

CECI Pequenos Brilhantes

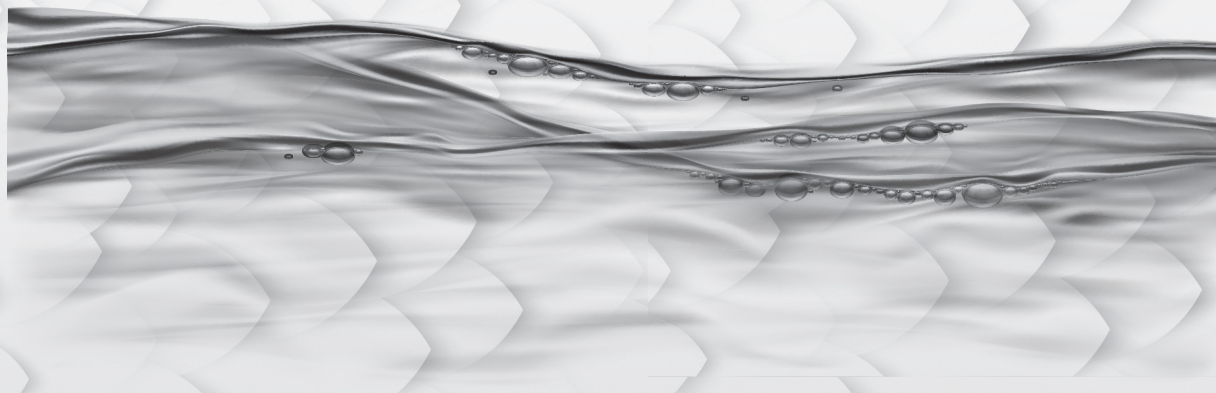


Alice Henrique Santos
Infantil

Trabalho Selecionado

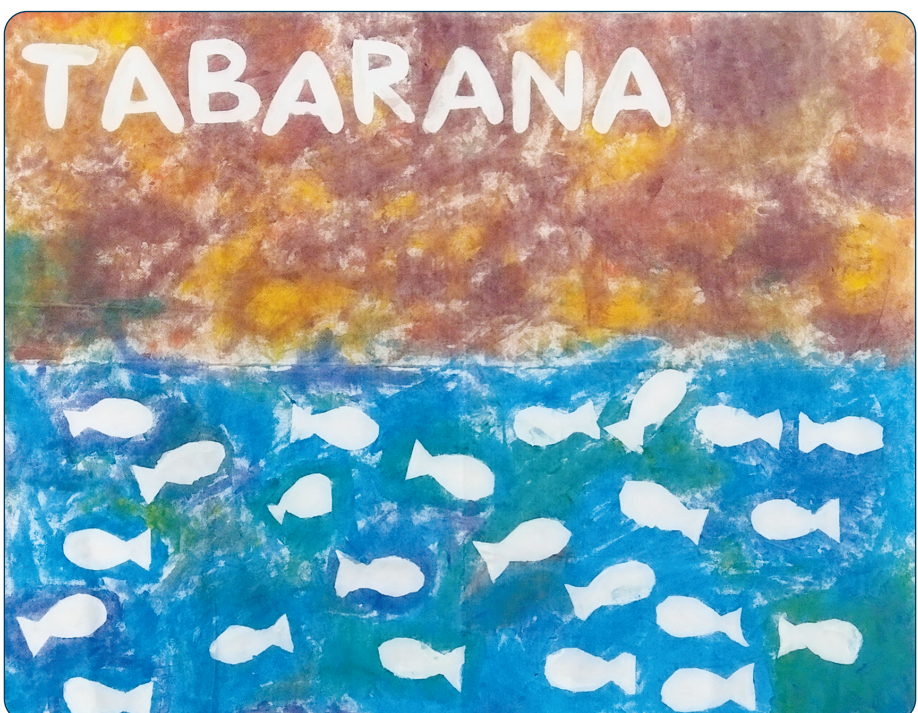


CECI Pequenos Brilhantes

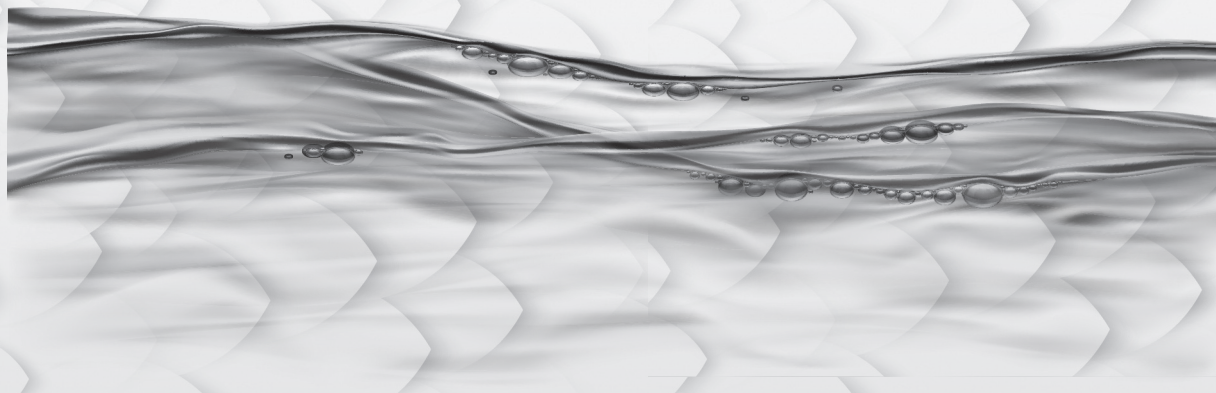


Pintura Coletiva

Trabalho Participante



CECOIN
Chapeuzinho Vermelho

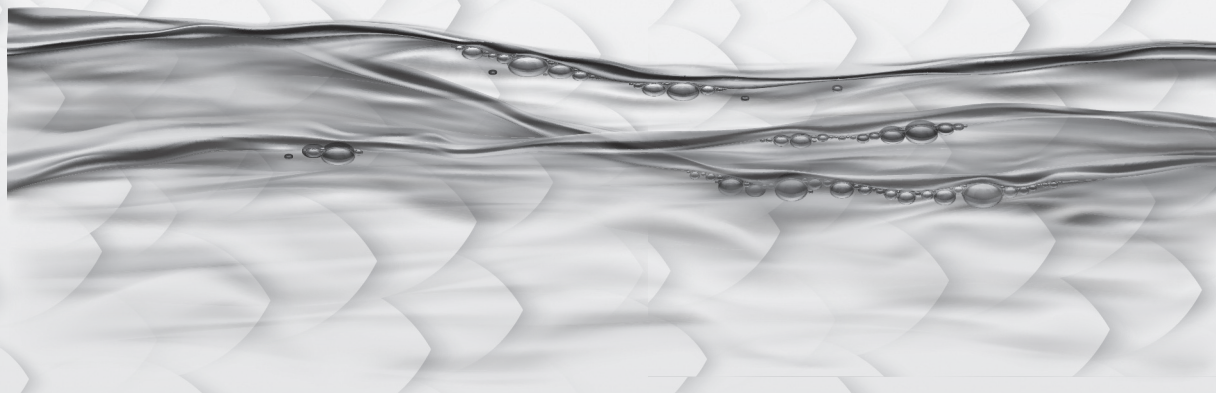


Gabriele Pereira Feitosa da Silva
Infantil

Trabalho Seleccionado

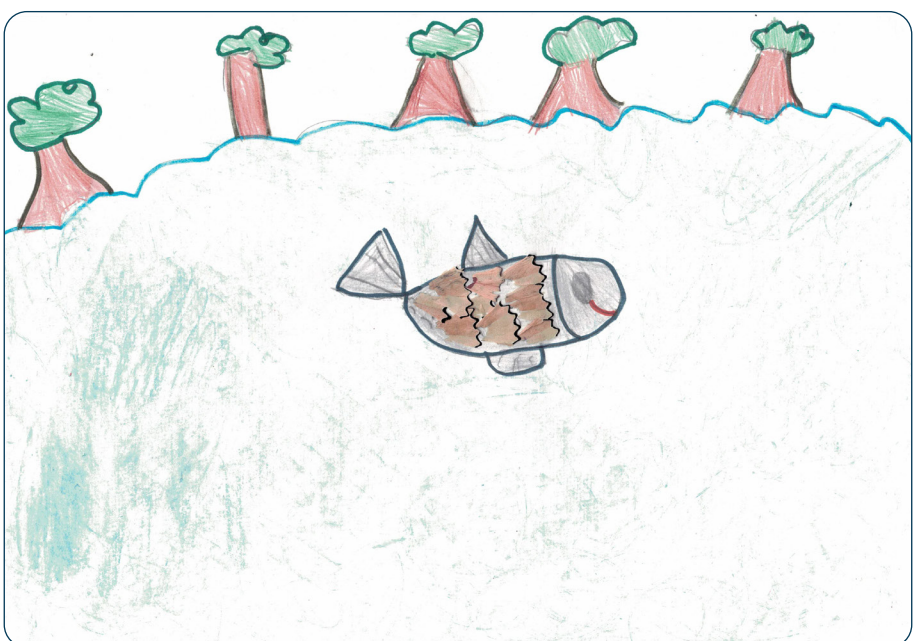


**EMEI Vice Prefeito
Pedro Miqueletto**

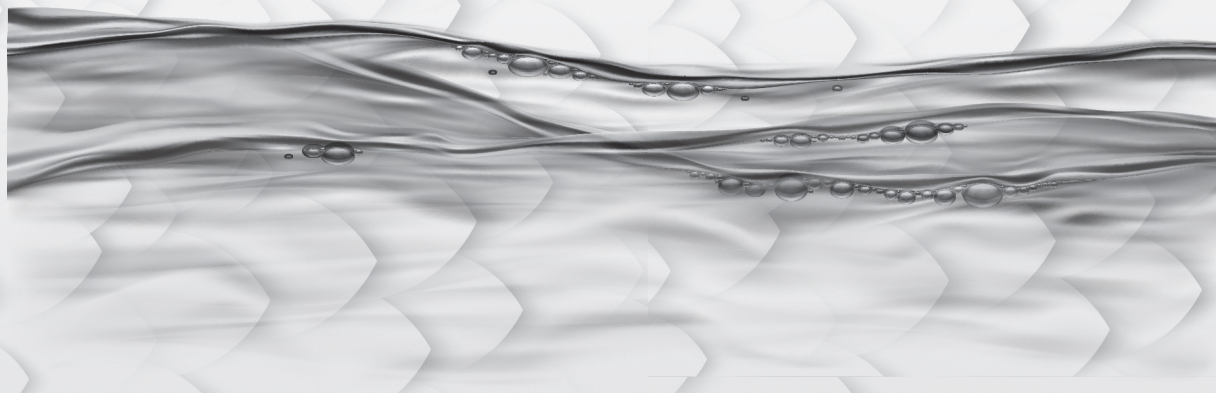


**Sofia Camargo de Araújo
Infantil**

Trabalho Selecionado



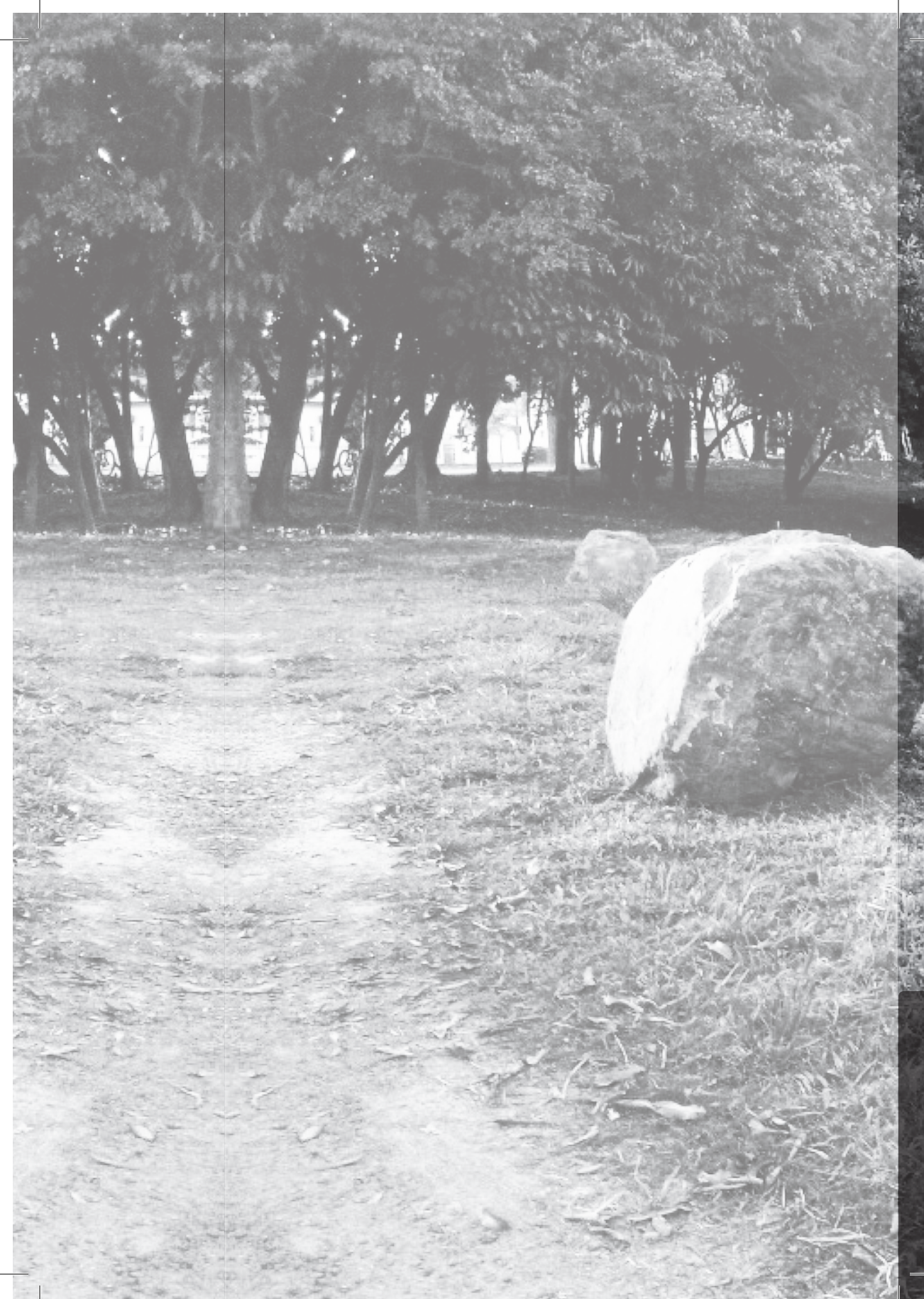
CEIL
Profª Aparecida Eufrásia
Guisalberte Yembo



Lívia de Lima Santos
Infantil

Trabalho Seleccionado

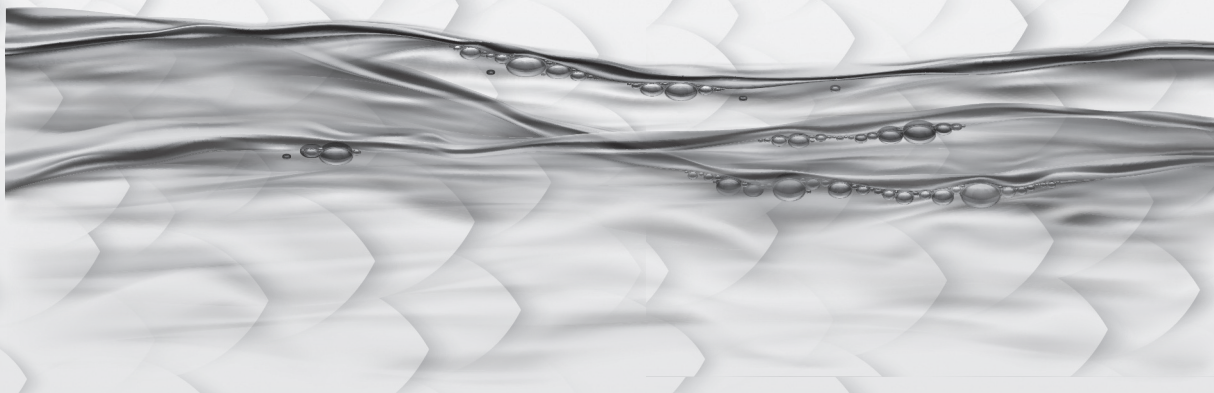






Categoria Fundamental I

**Escola José
Odair Montelatto**



Nicolly Rocha Kielblock Santos
2° ano

Trabalho Selecionado

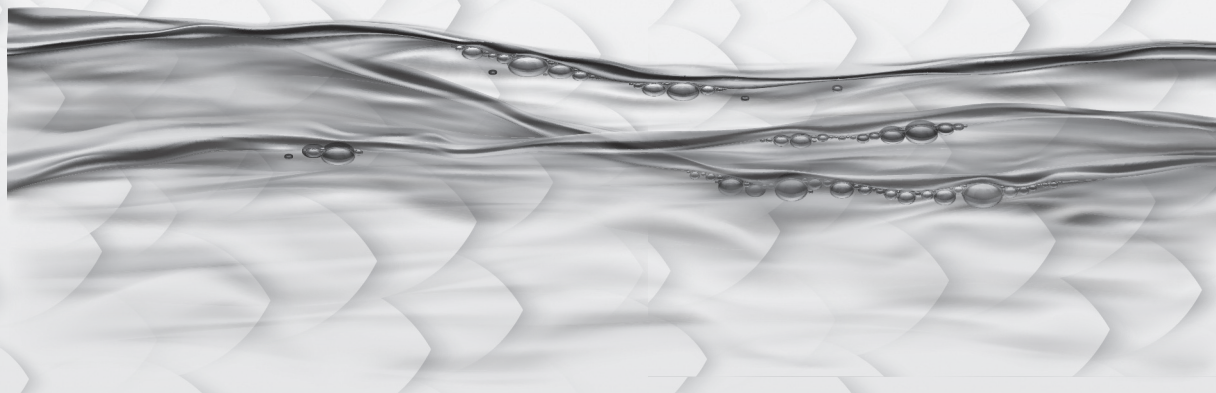
Poema Capivari

Tem um rio que antigamente
Era uma gota azul no mundo.
Aqui não tinha mosqueteiro
Com seu lema maneiro.

Esse rio fica em Louveira
Tem um peixe
Que o nome dele é Tabarana
E com a poluição
Aconteceu uma coisa
Que não é bacana.

Eu queria que tivesse um plano
Para o rio ficar limpo de novo.
Volte Tabarana para a cidade
Aí a gente vai ficar
Com muita felicidade.

CEIL
Prof.^a Aparecida Eufrásia
Guisalberte Yembo



Ashley de Freitas Neves
5° ano

Trabalho Selecionado

O peixe Dourado Mágico

Era uma vez...

Três amigos estavam a caminho do rio Capivari para pescar, até que encontraram uma luz no meio do rio, um deles conseguiu pegar e, para surpresa de todos, descobriram que não era um peixe comum, era um peixe mágico!

O peixe fazia realizar sonhos, então os três amigos tiveram uma ideia: pediram para que o rio Capivari voltasse a ser como antigamente.

O peixe disse:

— Quando vocês crescerem vão ter o que pediram. Dizendo isso ele desapareceu. Pluft!

Quando eles cresceram, tiveram os seus desejos realizados.

CEIL
Prof.^a Aparecida Eufrásia
Guisalberte Yembo



Anthony Christopher Oliveira
5° ano

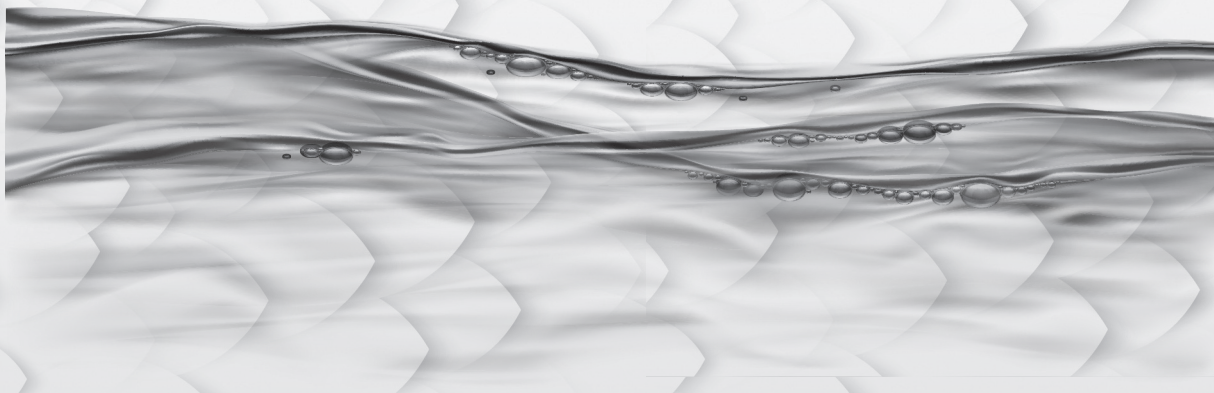
Trabalho Participante

Peixe Tabarana

O desaparecimento do peixe Tabarana é causado pela poluição do rio Capivari, pois eles necessitam de águas cristalinas para que possam sobreviver em condições normais.

Para que volte a espécie Tabarana teria que parar de jogar lixo no rio, trazendo de volta alimentos dos peixes porque sem ter lambaris no rio os peixes não conseguem reproduzir, pois mesmo com a volta dos peixes, se o rio continuar poluído fica impossível comer a carne desses peixes por estarem contaminados, por isso precisamos urgente lutar para fazer a despoluição do rio Capivari entre sua nascente e seu final, mas para isso é necessário a conscientização de todos.

CEIL
Prof.^a Aparecida Eufrásia
Guisalberte Yembo



Murilo Zaguini Fernandes Silva
5° ano

Trabalho Participante

A pescaria do Tabarana

Em um lindo dia de sol alguns amigos foram pescar no rio Capivari. Foram tentar pescar o peixe Tabarana, mas vai ser difícil porque está extinto.

A pescaria começou, alguns minutos depois a vara fez um som... era uma bota!

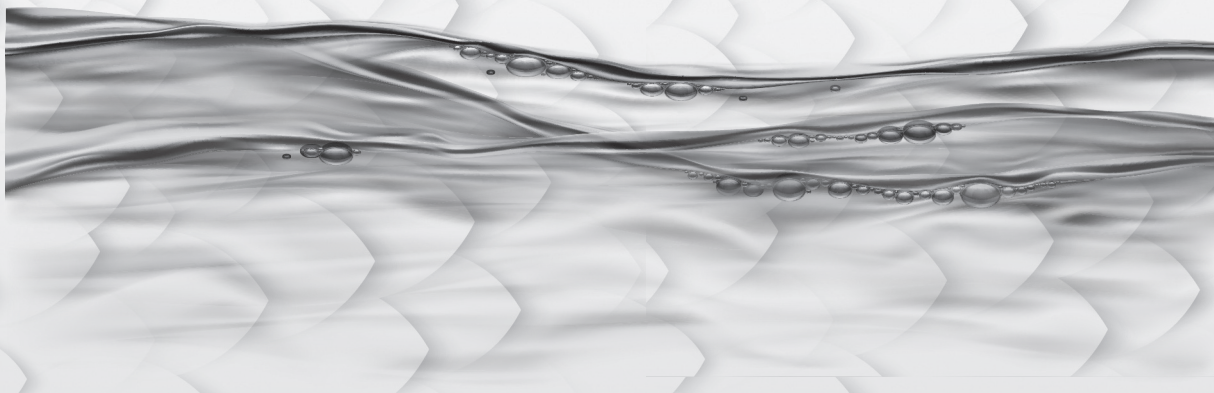
Então, a vara fez o som de novo, agora é uma latinha... Ficaram desanimados...

Pela última vez jogaram a linha na água e logo fez o som, puxaram e não foi surpresa que pescaram uma garrafa plástica e dentro um pequeno peixe.

Assim, os amigos ficaram com a esperança que um dia o rio Capivari passasse a ser como antigamente.

E você está se perguntando o que aconteceu com o peixinho? Nós o soltamos.

EMEF
Angelo Argenton Filho



Yasmin Fermino de Souza

5º ano

Trabalho Selecionado

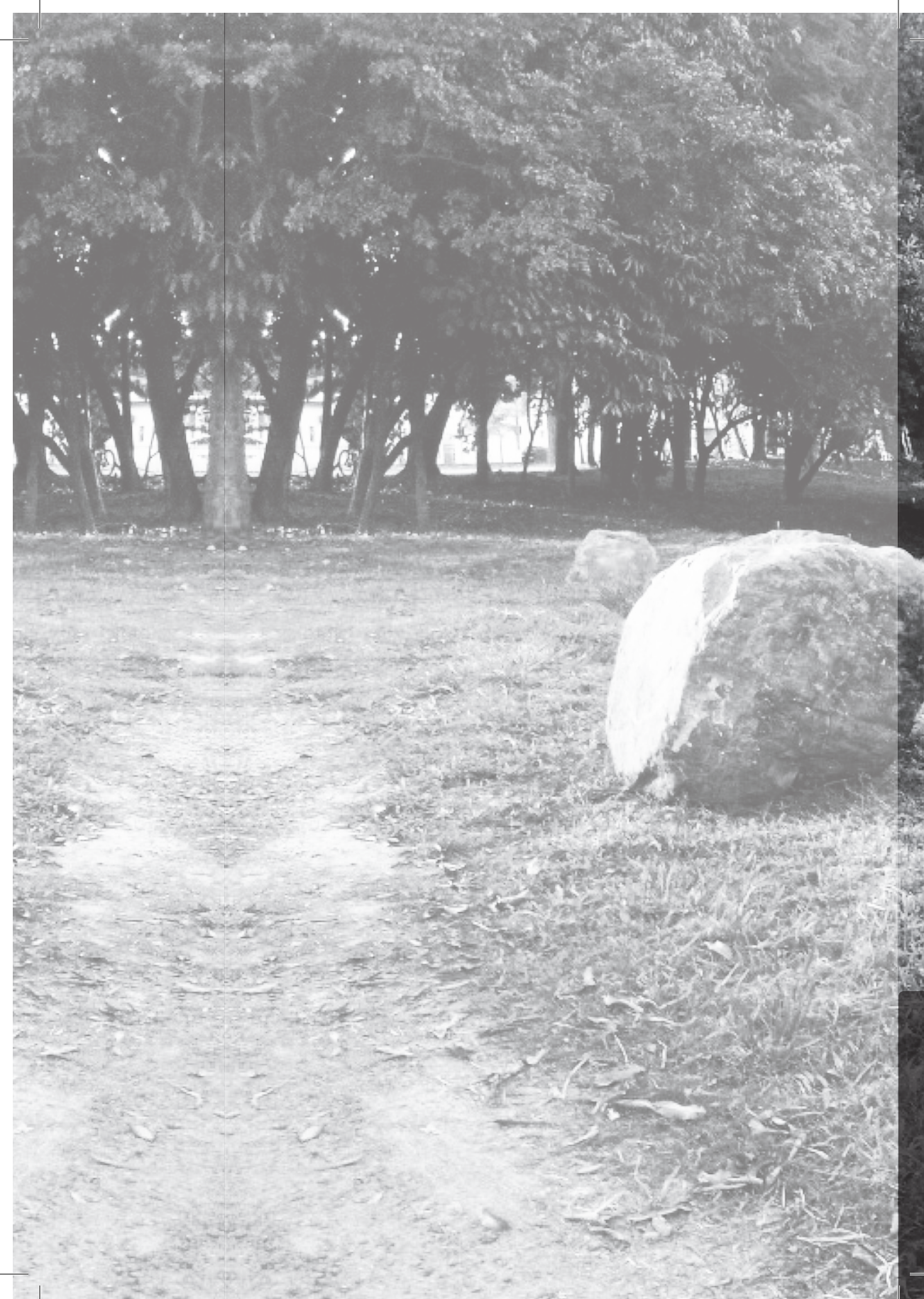
Tabarana e o Rio Capivari

A espécie de peixe Tabarana é encontrada em rios preservados por mata ciliar intacta. Gosta de rios sem sujeiras e rios rasos, em média, com 1 metro de profundidade.

É um peixe saltador, encontrado também nas bacias amazônicas, em Tocantins, Araguaia e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. De cor prateada e dourada, mede em média cinquenta centímetros e pesa cerca de 1 quilo, podendo chegar a 5 quilos. Suas nadadeiras são vermelhas alaranjadas.

Infelizmente, a Tabarana não é mais encontrada com frequência porque não temos mais tantos rios cristalinos, uma vez que os rios estão com muita sujeira, muitas delas sendo lixo. Com isso, não devemos poluir rios, lagos e mares para não prejudicar não somente nós, seres humanos, como também os animais que vivem dentro dessas águas, e tantos outros que delas usufruem.

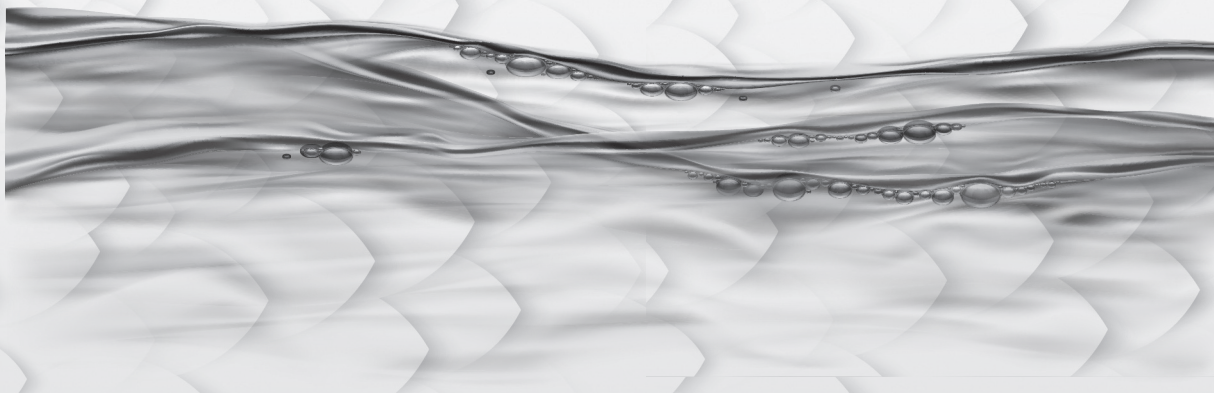
Sejamos conscientes ao descartar o lixo, pois para cada um, há um recipiente próprio. Vamos ajudar as Tabaranas e os outros seres vivos, assim estaremos ajudando nosso Planeta. Que tal nos colocarmos no lugar desses bichinhos indefesos, os salvando e não os levando à extinção? Se assim o fizermos, as veremos no rio Capivari novamente!





Categoria Fundamental II

E.E. Pedro Yoshichika Irie



João Scomparim Cardozo

6° ano

Trabalho Selecionado

Majestoso

MajesToso

Ajude-me

Boiando estou...

Água

Resolver os problemas da água...

Ali no Rio Capivari é o meu lar...

Nado para sobreviver.

Especi**A**l.





Rio Capivari

